

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES (ECA-USP)**

GISELLE AP. FERNANDES

**ENTREMEIOS DA COSTURA NO BOM RETIRO:
A RENDA TECIDA EM LADOS EXTREMOS POR IMIGRANTES**

**SÃO PAULO
2021**

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES (ECA-USP)**

**ENTREMEIOS DA COSTURA NO BOM RETIRO:
A RENDA TECIDA EM LADOS EXTREMOS POR IMIGRANTES**

Monografia apresentada à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, em cumprimento parcial às exigências do curso de pós-graduação - especialização, para obtenção do título de especialista em “Cultura Material e Consumo: perspectivas semiopsicanalíticas”, sob orientação do Prof. Ms. Clayton Policarpo.

**SÃO PAULO
2021**

*Costuro o infinito sobre o peito.
E no entanto sou água fugida e amarga
E sou crível e antiga como aquilo que vê:
Pedras, frontões no todos inamovível
Terrena, me adivinho montanha algumas vezes.
Recente, inumana, inexprimível
Costuro o infinito sobre o peito
Como aqueles que amam.*

Poema VIII – Hilda Hilst – Amavisse e outros poemas.

Agradecimentos

Para: FLOR.

O primeiro motivo para voar e fazer os sonhos acontecerem!

Agradeço as costureiras, linhas e aviamentos da minha infância, por serem inspirações para criar tantos outros mundos desde sempre.

Não seria nada sem todos amigos que chegaram através da costura, a partir da vida em São Paulo, obrigada a todos que fazem parte desta escrita, aos que me empurraram como a Marina Barbosa, Bonito, e orientador Clayton.

Agradeço pelo amor que chegou!

A vida é uma costura bonita, feita a mão!

RESUMO

Esta pesquisa visa compreender e analisar as relações sociais cingidas a partir da pluralidade das mãos no feitiço da costura entre imigrantes, em fábricas do bairro Bom Retiro, na cidade de São Paulo. Foi considerada uma abordagem etnográfica polifônica, com coleta de relatos, narrativas e entrevistas, bem como fotografias e ilustrações que pudessem dar vida às abstrações percebidas e as quais a pesquisadora encontra-se submersa. No decorrer do texto é possível a experiência, quase uma vivência de um cotidiano ritualístico de encontros multiculturais do ambiente fabril. São contextos que aguçam os sentidos e os questionamentos sobre a origem das indumentárias. Descobre-se aqui que as roupas sintetizam processos, por vezes perversos, nos quais pessoas são submetidas a relações de trabalho desiguais. Contudo, essa profusão cultural desperta e eclode possibilidades inúmeras através da percepção do criativo enquanto entremeio desses (des)encontros.

Palavras-chaves: costura; produção têxtil; imigrantes; designer; processo criativo; cultura; Bom Retiro.

ABSTRACT

This research aims to understand and analyze the social relations girded by the plurality of immigrants in the sewing pattern, in factories in the Bom Retiro neighborhood, in the city of São Paulo. A polyphonic ethnographic approach was considered, with collection of reports, narratives and interviews, as well as photographs and illustrations that could give life to the perceived abstractions and in which the researcher is submerged. Throughout the text, the experience is possible, almost an experience of a ritualistic daily life of multicultural encounters in the factory environment. These are contexts that sharpen the senses and questions about the origin of clothing. It is discovered here that clothes synthesize processes, sometimes perverse, and people subjected to unequal relationships. However, this cultural profusion awakens and unfolds countless possibilities through the perception of the creative as an way in between disagreements.

Key-words: sewing; textile production; immigrants; designer; creative process; culture; Bom Retiro.

SUMÁRIO

1. Introdução	1
2. O processo criativo e as performances da originalidade em meio as barreiras da diluição criativa na indústria têxtil.	6
3. Narrativas	15
3.1. Narrativas da profissão designer:	15
4. Etnografia Têxtil.....	25
4.1. Ilustrações	27
4.2. Bom Retiro: contornos do cotidiano	36
5. Considerações finais.....	41
6. Referências	42
7. Anexos.....	44
7.1. Moodboards das referências fotográficas para ilustrações..	44
7.2. Narrativas.....	48

1. Introdução

“No imigrante frequentemente habita um sonhador, quem sabe, um gozador, um equilibrista na corda bamba cuidando do próximo movimento.” (COPELMAN, p. 6, 2013)

As minúcias alinhavadas sobre a costura rotineira adornam um desejo íntimo acerca de um constante caminhar entre tecidos, moldes e entremeios de uma possível colcha de retalhos tecida em adornos multiculturais. É quase impossível descrever as diversas sensações (nem sempre recorrentes ou repetidas) na rotina de trabalho em uma fábrica no Bom Retiro, cuja riqueza de detalhes sublima um recorte para além de fios e tramas, sons e falas que ecoam as distintas línguas, revelando costumes e etnias múltiplas, tal como as cartelas de cores de uma nova coleção sobre a mesa. Por vezes, os diálogos parecem códigos ocultos: o avesso das costuras diárias que dão forma aos desenhos elaborados pelos profissionais de criação.

Regresso alguns anos no tempo, em janeiro de 2014, imersa em um radical e inovador cenário onde eu, mulher, não paulista, recém-chegada de Minas Gerais, à deriva de minhas faculdades enquanto designer de moda, criadora e com grandes anseios como todo imigrante que aqui chega. Passo a verificar e a questionar com estranheza o cotidiano *da* e *na* metrópole; algo rompe com as vivências do interior de minhas tantas Gerais que até aqui carregam em minhas andanças, meu olhar e sentidos em suspenso observam uma nova organização, (social e cultural) que se estende, revelando a cidade de São Paulo e exaltando sua pluralidade em múltiplos cantos, absorvendo-me no caminhar pelas novas ruas: no metrô que se compara a uma raiz densa da árvore que cresce pela cidade; no ônibus que apresenta a cidade entre as vidraças das janelas como vitrines de lojas, sempre em movimento, com visuais em contrastes eufóricos e pouco harmoniosos, fixados na urbe, nos quais é possível constatar diversas assimetrias. As demandas da metrópole ecoavam em mim ao longo dos primeiros dias na cidade ornamentando uma busca ávida por trabalho, com observações prévias e constantes, delimitando lugares, não lugares, nas fronteiras conflitantes das ruas.

Nessa ótica, algo recorrente ganhava minha atenção: os imigrantes, em distintas cenas da cidade. Essa atenção é o ponto de partida para este ensaio, um viés da minha inserção enquanto estilista em fábricas do bairro Bom Retiro, região que carrega em seu histórico a diversidade étnica, lugar de acolhimento e lar de muitos povos, um dos principais polos têxteis do país com sua tipologia híbrida, onde galpões industriais, residências e comércios disputam espaços.

Analiso, portanto, a partir de um olhar “de perto e de dentro” (MAGNANI, 2002), um mundo fabril e seu processo no desenvolvimento de vestuários elaborados *por e a partir* de uma pluralidade de mãos: coreanas, bolivianas e brasileiras. Um contato do feito da costura que ultrapassa contratos pré-elaborados ou estabelecidos (GOFFMAN, 1985), pois tudo se reelabora nas dinâmicas diárias do trabalho, na construção simultânea das mãos e ideias sociabilidades complexas que ocorrem às margens da própria indumentária.

Este ensaio detém os anseios por retratar ideias que estruturam um possível estudo das relações de sociabilidade, estabelecidas através da costura, entremeios cingidos por imigrantes, estímulos e trocas que configuram o produto destas relações no meio urbano. As configurações de trabalho e as relações que se formam são importantes para a manutenção de um modelo socioeconômico – que acompanha as novas colônias coreanas –, ao mesmo tempo que viabiliza o aumento de um fluxo migratório de profissionais bolivianos. Neste contexto, é proposta uma análise dos comportamentos e das relações sociais que emergem em meio às engrenagens da costura diária nas fábricas do bairro Bom Retiro, na cidade de São Paulo, bem como o impacto social do fluxo migratório asiático e latino-americano na cadeia produtiva da indústria têxtil brasileira.

Após alguns anos experienciando a vivência nas fábricas, e a partir do estudo de teorias, identifico em algumas vertentes da antropologia a base para sintetizar meus questionamentos e reafirmar minha presença nas fábricas e, ao longo dos últimos quatro anos, no “chão de fábrica”. Os desafios da criação para um mercado voraz e inquieto, que distorce a moda em amplos sentidos – desde o desenho à construção íntima de cada peça –, somados à experiência do trabalho em uma linha de produção despertam uma estranheza que nunca se

apartou de mim e de minhas convicções pessoais. Logo nos primeiros meses, os questionamentos acerca das relações trabalhistas e hierárquicas me abalaram profundamente e, aos poucos, desloquei do lugar da estilista para os olhos e ouvidos de uma pesquisadora interessada no comportamento e nas relações sociais que emergem no desfilar da costura diária na fábrica.

Neste contexto, Antônio Arantes (1994) traduz uma inquietude que me é familiar, a respeito dos mundos habitáveis que cada indivíduo carrega em si, a narrativa do jovem Hans, transcrita no texto, evidencia de forma ímpar uma guerra diária que é recorrente em um sistema fabril: “somos partes de um mundo só. Estamos todos juntos, mas não estamos no mesmo mundo.” Situando a fábrica e seus atores distintos em uma linha produtiva, convido o leitor a uma reflexão sobre as relações – internas e externas – que a indumentária produz, a percepção do campo e suas camadas invisíveis. São aqui personagens os costureiros bolivianos, que entremeiam em breves diálogos com os “senhores” coreanos – agentes que também desempenham papéis fundantes em uma hierarquização do espaço de trabalho. Aqui existe uma barreira e um lugar preestabelecido onde estes dois mundos se encontram, bolivianos e coreanos, convivem, porém não são comuns uns aos outros, pertencem a lados extremos, onde o caminhar do imigrante coreano tem alicerces assegurados pela tradição da colônia, que ocupam a posição de proprietários nas fábricas. São famílias com muitas tradições, com uma cultura rígida, que delimita os espaços de comunicação e as possíveis relações sociais, ou seja, não é comum que trabalhadores coreanos estabeleçam vínculos, para além do campo de trabalho, com os demais profissionais que integram esse sistema de produção. Em contrapartida, os bolivianos estão dentro e fora das fábricas. Os trabalhadores bolivianos possuem um comportamento marcado por características fortes: andam sempre de cabeças baixas; sua fala tem tom baixo e suave; possuem maior abertura em relação às amizades e às relações sociais, as quais não se limitam aos seus conterrâneos. Não de forma isolada, mas dentro dos contextos sociais apresentados, os bolivianos, grupo subalternizado e muitas vezes carente de conhecimentos civis, argumentam pouco e muitas vezes atravessam nuances ordinárias da mão de obra escravizada. Contudo, é importante ressaltar

que já há um número significativo de trabalhadores bolivianos no Bom Retiro com documentos regularizados, moradia e registro CLT (em situação formal mediante a legislação trabalhista brasileira), o que configura uma melhoria nas condições de vida, muito embora ainda em situação desigual e à margem de condições efetivamente justas.

Imersa na fábrica com um olhar dedicado à pesquisa, e trazendo como bagagem metodológica a antropologia urbana, pauto-me em descrever ações cotidianas do espaço a partir de um olhar sensível desenhado a partir da vivência e organizados pela estrutura em me “situar, andar, ver e escrever” (SILVA, 2009). Não obstante, procuro ter um olhar recuado, onde poderei de forma metodológica e centrada compreender as vivências, sensações, observações, entre outros ocorridos durante as análises da pesquisa. Nesse caminho, eu, enquanto trabalhadora do espaço pesquisado levanto também as particularidades conflitantes que suscitam do olhar do viajante que, mesmo sem estrada, divaga e sublima: o andar que os olhos vêem, conforme as reflexões presentes nos argumentos apresentados por Silva (2009). No entanto, é preciso retroceder a atenção, cessar a visão diária das especificidades complexas que a rotina fabril insere no cotidiano, uma vez que o familiar retém nas entrelinhas, possibilidades desconhecidas de incursão, cujo mapear do campo muitas vezes se coloca em produção pelo desconhecido, pelas provocações da dúvida.

O interesse em um possível recorte que está atrelado aos estudos da antropologia sugere uma pesquisa de metodologias para a exploração do campo em que já transito e trabalho – como designer de moda, na concepção das peças que são ali desenvolvidas, e com outras demandas relacionadas aos demais processos que perpassam o dia a dia de uma fábrica. Entretanto, aos meus olhos, as paisagens incomuns e por vezes até desconhecidas, traduzem um interesse em tornar visível a subjetividade envolvida nos caminhos e nas relações que se estabelecem em paralelo à produção em escala industrial de moda brasileira.

A presente pesquisa busca sintetizar o histórico da produção têxtil no Bom Retiro e as reconfigurações dos processos produtivos com a chegada de

diversos imigrantes. As relações multiculturais que permeiam o ambiente fabril da indústria têxtil instalada nesse movimentado bairro são o enfoque do estudo aqui apresentado, bem como suas interferências no campo da criatividade, originalidade e confecção dos produtos. Dessa forma, pretende-se mapear o impacto de aspectos culturais em um contexto fabril, enquanto que também é avaliado o processo criativo e as performances de originalidade dos criadores, em meio às barreiras provenientes de uma “dissolução criativa”, que decorre de algumas limitações impostas e de entraves culturais. Quais os entraves e barreiras sugeridos a partir dos choques culturais que circundam o contato entre imigrantes asiáticos e latino-americanos no fazer das peças? E como os brasileiros entremeiam estas fronteiras da costura? Quais os padrões das relações sociais que emergem no desfilar dessa produção que atravessa a cidade e a fábrica? Essas são algumas das questões que permeiam a escrita deste trabalho.

Nesse sentido, e na tentativa de elaborar uma possível etnografia da fábrica, é realizado um levantamento bibliográfico que contempla áreas como antropologia, cultura material, ciências sociais e design, no intuito de afinar as conexões do campo e da escrita através do olhar, da escuta e da análise de dados em uma imersão no campo de estudo. Em um recorte etnográfico do ambiente fabril, através de uma investigação de métodos exploratórios, é suscitado o desejo de uma escrita colaborativa, que seja orgânica, sensível e que considere a participação dos próprios atores pesquisados. Essa escrita colaborativa se faz valer de testemunhos e entrevistas – realizadas com profissionais criativos da cadeia têxtil –, e também através de inserções visuais, que excedem um modelo textual, e propõem uma “cartografia do fazer têxtil”, atravessada pelas materialidades da costura, desenhos, imagens e texturas.

2. O processo criativo e as performances da originalidade em meio as barreiras da diluição criativa na indústria têxtil.

No descomeço era o verbo.
Só depois é que veio o delírio do verbo.
O delírio do verbo estava no começo, lá onde a
Criança diz: Eu escuto a cor dos passarinhos.
A criança não sabe que o verbo escutar não funciona
Para cor, mas para som.
Então se a criança muda a função de um verbo, ele
Delira.
E pois.
Em poesia que é voz de poeta, que é a voz de fazer
Nascimentos
O verbo tem que pegar delírio.
(MANOEL DE BARROS, 2011, Delírio, Poesia Completa)

Entre linhas, tecidos e fragmentos têxteis a indumentária se apresenta como delírio no cotidiano fabril. Um emaranhado de pontos soltos e desalinhados, sem uma rota ou caminho exatos. São os delírios criativos de vários alguéns, recortes e minúcias que, por vezes, não se revelam, mas estão refletidos na materialidade do que produzem. De certo, as roupas em seu processo criativo circundam as esferas do delírio, rompem com a exatidão dos processos justamente na complexidade de seu próprio feitio, cuja elaboração e confecção são resultantes da superposição de uma pluralidade de falas, costumes e mãos.

Este ensaio sugere um olhar sobre a produção em massa de moda, que escapa ao senso comum acerca do tema e incide em algumas das inquietudes, perdas e ganhos que reverberam no trabalho do profissional criativo dentro desse sistema produtivo. Para tanto, os meandros de uma fábrica no bairro Bom Retiro, polo de produção têxtil localizado na cidade de São Paulo, são tomados como ponto de partida.

Neste contexto, apoiar-se nas palavras de Didi-Huberman (2017) acolhe alguns dos assombros observados em meio à pesquisa em campo, ao tempo que inspira pensar as assimetrias que são articuladas no âmbito de uma produção em moda que é desenvolvida com uma demanda atacadista, mas que, por certo, são comuns às mais diferentes esferas criativas.

Logo, nunca poderemos dizer: não há nada para ver, não há mais nada para ver. Para saber desconfiar do que vemos, devemos saber mais, ver mais, ver, apesar de tudo. Apesar da destruição da supressão de todas as coisas. Convém saber olhar como um arqueólogo. E através de um olhar desse tipo – de uma interrogação desse tipo – que vemos que as coisas começam a nos olhar a partir de seus espaços soterrados e tempos esboroados. (DIDI-HUBERMAN, 2017. p. 61).

A interrogação que advém do olhar soterrado do trabalhador “artista” leva a imaginação, que cria e busca compreender as linhas que sustentam a costura rotineira, conforme ilumina Ostrower (1978):

A imaginação criativa levantaria hipóteses sobre certas configurações viáveis a determinada materialidade. Assim, o imaginar seria um pensar específico sobre um fazer concreto. (OSTROWER, 1978. p. 32).

A confecção têxtil produz indumentárias e adornos que são utilizados para cobertura e proteção dos corpos, mas que também atuam nos entremeios de identidades e subjetivações, sintetizando formas de pensar que se manifestam nos âmbitos individual e coletivo. Roupas que são feitas de pessoas para pessoas, em uma rede de conexões que nem sempre é perceptível. Os produtos desse processo, quando apresentados em alguma vitrine, realçam um conjugado de qualidades e sugerem interpretações que prezam por uma coerência. Ao mesmo tempo, estão ali condensadas todas as camadas de fazeres que permeiam a sua produção, as vestimentas sempre serão, portanto, o reflexo de algo oculto, que está entre os meios. Para Barthes (2005) é importante ressaltar a noção de um “sistema indumentário”, no qual a moda se estabelece por formas, matérias, cores, usos circunstanciais ou fixos, estereótipos e modalidades de uso, assim como ornamentações dos detalhes – botões, bolsos e outros – atribuídos em cada traje.

De acordo com Bair e Gereffi (2001), a produção têxtil é composta por uma cadeia de valor representada em nove etapas: 1) criação dos têxteis a partir de matérias-primas; 2) preparação; 3) design e criação; 4) corte; 5) montagem; 6) acabamentos; 7) logística comercial; 8) marketing e 9) venda. Ocorre que, quando usamos as roupas raramente pensamos em seus bastidores, nos caminhos de desenvolvimento ou nas linhas de produção e elaboração; muito menos em todos os processos contidos no âmbito das estruturas industriais desse setor (desenho, molde, corte, costura, arremate, passadoria, aprovação, correção, liberação, produção e distribuição). Para muitas pessoas o contato com a moda, por vezes, se dá com as imagens cuidadosamente elaboradas por outras corporações, carregadas de excessos e da necessidade de maquiagens padronizadas. Artificializadas pelas narrativas do marketing das marcas, as imagens de moda parecem funcionar como um folhetim social, atento ao encantamento de tendências, pensado para criar engajamento e ser compartilhado nas mídias sociais. As roupas e feitos distanciam de seus propósitos originais para atender a uma “estetização” do produto, como evidenciado por Lipovetsky e Serroy:

Não basta mais lançar produtos de qualidade técnica; é preciso ser “tendência”, espetacularizar a oferta mercantil, lançar regularmente novas linhas apresentadas como coleções de moda. (LIPOVESTSKY e SERROY, 2015. p.81).

Lipovetsky e Serroy (2015) dialogam a respeito das incongruências presentes no feito criativo, que atende a um mercado das massas. Nesse processo, a dimensão criativa das peças tende a ser um elemento secundário e, em alguns momentos, desconsiderado. Sintoma contrário ao das performances da alta costura, nas quais a fantasia da originalidade, aliada às assinaturas criativas, é evidenciada e faturada no valor agregado aos produtos. A indústria da massificação não se estabelece no fetiche e nas fantasias inovadoras agenciadas através da criatividade. Este setor opera na urgência de desejos populares, nas paixões descomplicadas e com preços depreciados. Os avessos da costura não impulsionam curtidas e seguidores.

Na produção industrial em larga escala, o fazer criativo para as massas atende, sobretudo, às exigências do capital, agenciando a criatividade e os

processos produtivos de acordo com a percepção de seus consumidores, mas de modo a otimizar os processos e reduzir custos. Nesse sistema, o consumo responde às demandas que priorizam produções que sejam exequíveis em prazos cada vez menores.

Nesse cenário fabril, entre as linhas e a costura rotineira, emerge uma necessidade de integrar o universo do vestuário ao universo das palavras, com a finalidade atribuir novos contornos ao processo criativo e produtivo do sistema indumentário. Vestir as roupas com palavras reflete uma das intenções desta pesquisa, um anseio descolado de dentro da estrutura fabril. Recorte entrevisto através da observação dos contrastes que evidenciam os extremos do feitiço da costura, quase sempre tecida por imigrantes em São Paulo e que eclodem no bairro do Bom Retiro.

Assim, busca-se diagnosticar os processos criativos que são agenciados dentro de uma fábrica de vestuário feminino, onde a roupa vive e se constitui nas camadas de fazeres e na dinâmica cotidiana dos operários têxteis. Esses contornos são descritos através do olhar de uma estilista, imersa nas fronteiras da moda e na pluralidade da cadeia produtiva, cujo feitiço depende dos entremeios do desenho para dar sentido às trocas que existem entre os profissionais de diferentes formações e nacionalidades.

O uso da palavra entremeio reside nestes afetamentos do cotidiano criativo, cuja metáfora está nos aviamentos assim denominados que sintetizam pontes entre camadas e recortes que estão presentes nas peças de roupas. Os entremeios estabelecem conexões, assim como os profissionais imersos no feitiço da costura nas confecções. O que não está posto e revelado de certo consiste no viés da inquietude que, por sua vez, emerge da observação e participação. A reflexão acerca da corporeidade operária revela arbitrariedade do contraste envolvido nos alicerces fabris em seus múltiplos sintomas.

Pensar essas estruturas é um convite sobre transformar o pensamento e o olhar do criativo, a partir de outros corpos, espaços e afetações que circundam a elaboração de roupas. Tais questões, comuns nas rotinas das fábricas, se perfazem em uma escrita polifônica, capaz de abarcar narrativas diversas que

estão presentes no chão de fábrica. Através de uma observação participante, flutuante e de uma escuta que também considera a incorporação do pesquisador dentro do escopo da pesquisa como interlocutor.

Neste ponto são irresistíveis as perguntas: quando é que as roupas acontecem? Seria no encontro do grafite com o papel, nos atravessamentos das falas desiguais, na sonoridade de outros idiomas, no toque entre linhas e agulhas, ou muito antes de virar desejo? A todo momento é possível pensar o recorte desta pesquisa, uma vez que o afeto e o vestir são pontos comuns e estão presentes a cada instante da rotina de todos nós, são camadas de nossos pensamentos, mas também cobrem os nossos corpos.

Pensar roupas através da escrita e seus caminhos produtivos é evidenciar o cingir das teias de múltiplas relações inerentes da confecção, é tornar visível os atravessamentos de fazeres coletivos. Nesse sentido, como pensar sobre a criatividade na indústria da massificação têxtil brasileira? Como sugestionamos os meios de confecção de tal setor? Para estas interrogações, presentes nos entremeios da costura diária, é possível considerar as inquietações vivenciadas pelo profissional designer, que surgem nos consecutivos cortes e embargos sofridos ao longo do processo de criação de produtos no cotidiano fabril. São inquietudes sobre o modo de fazer, sentir e perceber a criatividade frente às pessoas que compõem a confecção. As mediações ocorrem através dos desenhos que são permeados por atravessamentos plurais de falas coreanas, bolivianas e brasileiras.

Segundo a artista plástica Fayga Ostrower, a criatividade e os processos de criação estão para além da elaboração teórica, seriam como um atravessamento de densidades e profundidades viabilizados *por* e *a partir* de um trabalho analítico, histórico e crítico. Assim como a exaltação da vivência concreta, por meio da própria criatividade que consiste em se criar algo:

Criar é, basicamente, formar. É poder dar uma forma a algo novo. Em qualquer que seja o campo de atividade, trata-se, nesse “novo”, de novas coerências que se estabelecem para a mente humana, fenômenos relacionados de modo novo e compreendidos em termos novos. O ato criador abrange, portanto, a capacidade de compreender; e esta, por sua vez, de

relacionar, ordenar, configurar, significar. (OSTROWER, 1978. p. 9).

Pensar a ferramenta da criação como conflito ou entremeio dentro das fábricas realça as consequências capitalistas do mercado, revelando o quão sensível e vulnerável são as relações deste setor. De acordo com Lipovetsky e Serroy (2015) é possível inferir que a busca da otimização dos processos, as alternativas de competitividade e a redução de preços de produção são interferências constantes no esforço criativo, que se perde em meio aos interesses comerciais para se ajustar ao criador comercial, polido por uma diluição criativa. Processo que possibilita o imperativo da multiplicação e cópia de outras empresas concorrentes.

A dissonância da criação ao comercial perpassa por toda a cadeia produtiva. A análise sobre os afetos e detalhes que foram sonogados das peças, amplifica as tessituras de outras camadas colaborativas ao final da produção, em consequência das abstrações mecânicas e dos ajustes dos produtos que se atualizam a cada movimento de precarização na cadeia produtiva, assim como as estranhezas da criação que ecoam de uma polifonia de interesses. Assimetrias percebidas a partir do assombro e da desvalorização dos múltiplos profissionais inseridos no feitiço da costura.

Tais questionamentos podem soar como superficiais para quem habita e é absorvido dentro dessa teia de produção. O modelo de uma economia, que está subjugada a uma grandeza laboral, sistematiza as pulsões de adestramento dos corpos operários, no intuito de torná-los agentes de sua própria degradação. Nesse processo cíclico, o operário é distanciados dos próprios questionamentos e naturaliza um sistema de imposições produtivas e um modo mecânico para operação dos processos, perpetuando uma cadeia de repetição de padrões nas ações de trabalho que, por vezes, exigem pouca qualificação profissional. O caos que é promovido pela própria estrutura opera na manutenção de um sistema unilateral de dominação das falas. Podemos pensar essa condução das relações de maneira semelhante à abordagem de Michel Foucault, acerca dos corpos “dóceis”:

O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe. Uma “anatomia política”, que é também igualmente uma “mecânica do poder”, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). (FOUCAULT, 2008. p. 135).

A indumentária sempre esteve associada a um lugar de encontro da diversidade, formas e liberdade de expressão. De acordo com Godart (2010), a etimologia da palavra *moda* está intimamente relacionada ao modo de fazer:

A moda é, portanto, a maneira ou forma de fazer alguma coisa, em particular de vestir-se, comer, falar etc. A ideia de mudança histórica permanente, portanto, não é a primeira, no conceito de moda. O que vem em primeiro lugar é a diversidade das práticas e representações, das maneiras ou formas de fazer e ver. (GODART, 2010. p. 29 e 30).

Contudo, a roupa se perfaz na ocultação da identidade, que sonega a pluralidade das mãos envolvidas em seu processo. Em seus avessos, as roupas trazem um apagamento dos corpos operários, que têm direitos amputados em prol de um crescimento da indústria. O crescente fluxo imigratório coincide com uma banalização de condições análogas de trabalho em torno da indústria da moda (GODART, 2010).

Trata-se de uma engrenagem, quase que espontânea, condensada sob camadas de fazeres. Assim, a costura atravessa o delírio criativo do estilista, uma ferramenta dada à construção de novas formas, recortes e estruturas do tecido. Uma ferramenta de fazer acontecer o sentido dos desenhos em uma materialização do gesto de vestir os corpos, portanto, um processo de voo livre, às cegas, cujo desenho é o mapa alinhavado por camadas de linhas flutuantes.

A interpretação do desenho; o pespontar como ferramenta de junção de todas as partes do molde; o encaixe do enfiado que quase se assemelha à montagem de um quebra-cabeça gigante, são processos nos quais habitam os operários têxteis da confecção de roupas. É através do encaixe do molde que materializamos o encontro plural dos saberes (e fazeres) agenciados pelo

processo criativo do designer, visto que, para cada desenho elaborado, são necessárias múltiplas etapas, camadas de profissionais a gestar o nascimento de uma única peça piloto. Caminhos distintos operados na pluralidade das mãos, falas e costumes, entremeados no desenvolvimento de cada produto, a fim de torná-lo real e palpável para, então, submetê-lo a uma possível aprovação e, consecutivamente, sua consolidação em larga escala, que culmina na venda no comércio atacadista e às demandas da pronta entrega.

Contudo, existem perdas nos processos que podem ser observadas através da informalidade da produção. O desenho que, geralmente, parte de um profissional criativo, que se prepara para desempenhar tal função, alcança outros setores que, em sua maioria, não estão preparados para responder às relações propostas e aos caminhos inerentes ao desenvolvimento. As múltiplas realidades que habitam o chão da fábrica, o desarranjo da comunicação, a ausência de uma formação específica, as necessidades de otimizar a produção incorrem em uma interpretação deturpada das falas e resultam em uma “diluição da criatividade”.

Essa diluição criativa pode ser constatada em todos os embargos que atravessam as operações de desenvolvimento das peças na linha de produção. A materialidade dessa diluição é evidenciada nas falhas incutidas aos resultados. Como exemplo, a frequente sonegação de referências na leitura das fichas técnicas, fato dado pela própria falta de um entendimento comum de uma gramática inerente à linguagem da moda, da escrita e/ou do idioma. Outros fatores como: a falta de compreensão acerca de elementos como cores, tecidos, texturas e aviamentos reverbera em falhas constantes por parte da produção oficial, o que demonstra uma falta de clareza na comunicação entre setores. Torna-se também papel do estilista entender e estar atento a esses assaltos em seu processo criativo. A necessidade de atender demandas que excedem a concepção criativa, de fazer com que as sensibilidades de outros setores sejam visíveis, exige a incorporação de múltiplas funções e gera uma sobrecarga de trabalho. O profissional criativo se vê na condição de um sujeito do desempenho, que está sempre por fazer, na condição incapaz da conclusão justamente por ter de reproduzir constantemente o desempenho, mesmo que este profissional

mediador, responsável pelo desenho, esteja mais presente de si e indomesticável, ele acaba por absorver e perpetuar a vulnerabilidade dos processos, simplesmente por estar inserido ao mesmo meio (FOUCAULT, 2008; HAN, 2021).

Essas demandas paralelas de trabalho, que escapam de um viés de pensamento característico, carecem do êxtase que os profissionais da criação estão sujeitos e do convite ao questionamento, ferramentas que são inerentes às inspirações criativas. Ao mesmo tempo, esse deslocamento não assegura uma compreensão comum entre os diferentes segmentos da fábrica. As divergências entre a criação original e o chão de fábrica são recorrentes (e até mesmo diárias), uma vez que as fichas técnicas não alcançam outros olhares, para além das esferas criativas do setor de estilo.

Ostrower (1978) enfatiza a ideia do fazer criativo enquanto um ato relacional, que responde a eventos internos e externos, cujo criador ou “fazedor” está sempre entregue e imerso em sua própria rotina. O homem como ser fazedor sempre se conecta e reelabora com as novas dinâmicas do imaginar, sonhar e agir. O fazer criativo está sempre por se relacionar e formar. A valorização da cadeia produtiva e criativa exige, como bem colocado por Manuel de Barros em sua poética, pegar delírio. Estabelecer-se com outros olhos e consciência frente aos possíveis compradores para que, no futuro, possamos pensar em estruturas fabris mais sensíveis e justas aos colaboradores ocultos das marcas.

Neste contexto, criar é um caminho constante e ao mesmo tempo atravessado e conduzido por lugares de erros: ora se perde os botões, ora são os forros dos vestidos ou aceita-se um tingimento em tonalidade distinta das peças. Assim, os profissionais do estilo acabam por incorporar o erro em muitas das etapas da produção, no intuito de deslindar os processos entre as múltiplas etapas da confecção. Funcionam como entremeios, pontes de comunicação entre áreas, na esperança de promover uma fluidez em toda a extensão dos processos – do desenho à distribuição. Criar nesse complexo do segmento industrial é ser uma ponte entre os diferentes idiomas e linguagens, como também apresentar, por meio das roupas confeccionadas, interpretações de

outras formas de pensar o corpo, o vestir, a cultura e a temporalidade. Formas essas que, dada a necessidade de atender mercados estrangeiros à realidade imediata do chão de fábrica, se distanciam de aspectos de regionalidade e nacionalidade. Esse processo exige se colocar como imigrante as margens de outras vidas e costumes.

A produção têxtil permite uma leitura através próprio ato do feitiço e no encontro destas relações – que vão além dos produtos acabados e comercializados – concebidas nos fazeres coletivos, em uma pluralidade de mãos e agenciados em meio ao fluxo de imigrantes. Coreanos, bolivianos e brasileiros trazem como bagagem suas culturas, subjetividades e sentidos: sonoridades, olfatos e tatos transcritos na produção de roupas dentro das confecções no polo têxtil do Bom Retiro. Dessa forma, a moda pode ser pensada como um ambiente em constante mutação, desde seu feitiço até sua função objetiva de cobertura dos corpos.

3. Narrativas

Por meio da escuta e da elaboração de questionários, a investigação aqui apresentada se soma às narrativas de um grupo de estilistas e suas trajetórias profissionais. As perguntas foram direcionadas às suas experiências como agentes criativos, à frente de marcas que possuem suas fábricas no bairro Bom Retiro. Esse diálogo tem o objetivo de evidenciar a importância de uma multiplicidade de falas e vivências, agenciadas na pluralidade dos encontros e do feitiço, promovendo, assim, um intercâmbio de narrativas criativas que, por sua vez, apontam sintomas, fatos, memórias e inquietações compartilhadas no processo de elaboração dos produtos desenvolvidos.

3.1. Narrativas da profissão designer:

É possível identificar uma multiplicidade de narrativas profissionais, que destacam as angústias e riquezas do setor têxtil, e que se nutre do contato com a diversidade presente na região do Bom Retiro. O contato com esse feitiço é, para muitos, uma oportunidade de aprendizado que contribuiu para voos maiores em suas carreiras. Além de possibilitar a abertura de novas portas, o encontro

com uma gama de pluralidades, proporcionado pelas experiências adquiridas nas fábricas, trouxe o aprendizado de novas técnicas, idiomas, modos de trabalho e o contato com outras áreas que auxiliam na confecção de roupas. Um dos interlocutores da pesquisa ressaltou a importância desse intercâmbio nas fábricas em sua experiência profissional:

“Cheguei no Bonriê em busca de experiência profissional e me deparei com muitas oportunidades em aprender como se dava a produção em escala industrial na confecção de atacado, pois acredito que muita coisa na época [2001], acontecia no bairro como o maior polo de vendas e distribuição de moda feminina na América Latina. A prática é valiosa para a experiência e também não precisaria de formação acadêmica. Conforme as necessidades eu fazia cursos livres e aprendi muito com as equipes que trabalhei. Então houve um acerto na busca e oferta de oportunidades, foi por esse motivo não que eu escolhi, mas sim o Bom Retiro me escolheu, sou muito grato a essa trajetória e roteiro do bairro. Afinal trabalhar nesse bairro é uma imersão em diversas culturas e nacionalidades. São coreanos, bolivianos, paraguaios, africanos e nordestinos e tantos outros sotaques dos trabalhadores e clientes de um bairro que recebe de braços abertos a todos. Permitindo a ampla construção de uma rede de trabalhos, contatos e amizades incríveis que fiz por lá.”

Everton atravessou os anos 2000 trabalhando no bairro, lugar onde se consolidou como estilista. A sua formação não passou pela esfera acadêmica, mas pelo viés da costura, de um entendimento empírico e de uma entrega ao universo fabril, diariamente, durante dezessete anos de trabalho nas fábricas do bairro. No total, Everton possui vinte e um anos de profissão. Hoje, estabelecido em outro cenário, como empreendedor e estilista de sua própria marca, com foco no varejo, ele consegue dimensionar a produção em uma escala menor, com um sistema coerente e alinhado à sua proposta de vida. Com menos interferências, as criações acontecem mais livres e com uma identidade bem definida, fator que impulsiona a identificação junto aos clientes que buscam peças autorais, na contramão da massificação.

Muitos dos estilistas que compartilharam suas histórias profissionais para esta pesquisa acabaram, em algum momento, direcionando sua capacidade

criativa para mercados autorais e que partilham de outras formas de produção. Assim como as roupas, os profissionais do segmento de moda podem se tornar efêmeros quando inseridos no mercado das massas. Ainda sobre a criatividade Everton coloca:

“Quanto ao campo criativo me percebi, depois de muito tempo, refazendo o conceito de criar, focado em solucionar questões do design de produto, sem muito espaço para criações mirabolantes ou autorais. O fato é que os empresários buscam segurança nas esferas da cópia, que nunca serão a impressão fiel e segura de tais produto, como os “hits” de alto giro de estoque, uma estratégia exaustiva e ultrapassada, já muito explorada pelo fast fashion, que imperou como modelo de negócio a ser seguido ao longo da última década em nosso país. Verifico, assim, alguns projetos rentáveis que acabam sabotados, e desta forma as marcas não estabelecem um diálogo ativo da confecção com o consumidor final; uma vez que não existe a necessidade de se firmar uma conexão pautada na identidade da marca nos limites deste modelo empresarial. Portanto, penso que a autonomia criativa não existe, e sim liderança que, na maioria das vezes, não cabe ao cargo de estilista. Os proprietários, por sua vez, utilizam de ego e pesquisas internacionais para a concepção do produto. O que vence é a praticidade da réplica. Na maior parte do mercado têxtil, isso guia e incorpora maior volume de produção para baratear a matéria prima. Infelizmente, os criativos perdem muito tempo na tentativa de empreender ideias perante às empresas, seja por falta de sintonia com seus respectivos diretores e equipe de vendas, muito por conta de uma rivalidade entre setores alimentada, que contribuiu para um ambiente insalubre para a saúde mental da própria profissão. O profissional criativo está sempre sendo podado e, ao meu ver, a criatividade vem da liberdade e diversidade de pensamentos e informações. Na atualidade verifico clientes mais ativos e questionadores em relação ao consumo e modos de produção, buscando formas mais equilibradas para consumir, uma vez que ninguém quer ser apenas mais um número. Os lucros da moda rápida já não são os mesmos, há medida que o mercado tem passado por mudanças, a oferta de produtos similares online impõe ao cliente reflexões sobre tais processos (principalmente nesse período de crise). O pensar da vida útil dos produtos estabelece uma nova concepção e

prática de valores. Sendo assim, por acreditar em outras possibilidades do fazer criativo, também me percebi desencaixado deste sistema de produção em larga escala. Há alguns anos busquei ressignificar minha própria experiência profissional no Bom Retiro, de certo, percebo que foi um presente toda travessia e vivência, por possibilitar suporte para seguir caminhos tão diferentes hoje na profissão.”

Em contraponto, alguns dos entrevistados se estabeleceram na área têxtil as margens do desenvolvimento de produto, em experiências internacionais onde puderam perceber os comparativos referente às performances de trabalho que a indústria da moda possibilita e nas distintas estratégias de negócios, que são agenciados pela confecção de vestuário. A estilista Poliane Lima, de vinte nove anos, está há sete anos no mercado *fashion*. Poliane atuou por três anos no Bom Retiro, em uma estrutura fabril simples e pequena, que contava com grande demanda de produção de artigos do segmento “modinha”. Essa é uma expressão muito usada no bairro para denominar cópias do chamado *fast fashion*, em geral são peças recentes, casuais, *hits* de uma tendência atual. Ao longo dessa experiência, a designer conta que o aprendizado foi enorme, contabiliza esse tempo como um intercâmbio cultural, com possibilidade de um aprendizado remunerado. Como teve a sua primeira experiência como estilista nesse contexto, que oferece grandes responsabilidades, conseguiu firmar contatos, aprender técnicas, em uma imersão criativa que a inspirou para outros saltos profissionais e para uma vida fora do Brasil.

“A respeito das possíveis diferenças no campo de trabalho entre o polo de moda Bom Retiro, São Paulo, Brasil, e o trabalho na área fashion de compras e logística na Irlanda, Europa, ressalto algumas comparações entre tais experiências: no bairro Bom Retiro os profissionais da criação gozam da liberdade perante a vasta opção de matérias primas, técnicas diferenciadas na confecção dos produtos e grande variedade de fornecedores, em São Paulo e no do Brasil, de artigos voltados para confecção. Já na Irlanda, existe dificuldades com fornecedores, materiais e mão de obra, por se tratar de um país pequeno e dependente de outros países. Porém, os profissionais da criação possuem uma autonomia bem maior de criatividade e inovação em comparação

com as minhas vivências no Bom Retiro. Outra diferença também está na valorização dos profissionais de compras (Buyers), geralmente são respeitados e bem remunerados, uma vez que o trabalho da pesquisa e negociação com bons fornecedores ao redor do mundo é crucial para manutenção e crescimento das empresas. Trabalhando na Zara por mais de dois anos aqui em Dublin, alarguei os meus horizontes em relação aos processos e como os mesmos estão espalhados em todo o mundo e o quão importante é a logística de organização para este perfil de negócio das grandes empresas, já que trabalham com produtos perecíveis, sensíveis às mudanças de acordo com as estações do ano.”

Algo recorrente entre os entrevistados é a falta de estabilidade profissional, fruto da ampla competitividade estabelecida no cerne das marcas que, na expectativa de uma mão de obra que mais lucrativa para empresa, agencia uma rotatividade exagerada entre os profissionais do meio. Nas falas, também é possível verificar que há uma migração do setor criativo para outras áreas, visto que, na maioria dos casos, não existe um plano de carreira, benefícios. Muitos profissionais acabam atuando como prestadores de serviço informais, um sintoma recorrente de um desprezo pelo trabalho do profissional criativo que, cada vez mais, tem se submetido a condições avessas ao regime trabalhista formal e à CLT. Para ter acesso a melhores arranjos financeiros, em acordo com os proprietários das marcas, muitos estilistas aceitam trabalhar sem carteira assinada, ou qualquer tipo de garantia trabalhista. Visto que muitos estão em início de carreira, a oportunidade de trabalhar em São Paulo surge como uma experiência que pode viabilizar saltos maiores dentro da profissão, em algum momento futuro. Outros fatores que contribuem para esse tipo de contratação é o teto salarial da categoria, que sugestiona valores baixos, e a falta de sindicatos específicos. Ao longo dos anos, tem se tornando comum a sonegação aos direitos trabalhistas para os profissionais da área, um índice da carência por representações sindicais e de negociações entre empresários e estilistas, que buscar burlar políticas trabalhistas e oferecer acordos que procuram atender a algumas das demandas dos empregadores e funcionários. Segundo o site do

Educa Mais Brasil¹, a carreira de estilista de moda enfrenta um mercado concorrido, com grandes demandas e exige que o profissional seja capaz de atuar em diferentes frentes de trabalho. As empresas buscam profissionais flexíveis e versáteis, capazes de absorver funções de criação, planejamento de coleções, desfiles, coordenação de equipes e gestão dos processos da produção. Mesmo com o excesso de atribuições, os salários ofertados giram em torno de R\$ 1.239,42 (um mil, duzentos e trinta e nove reais e quarenta e dois centavos), para os cargos de *trainee* em empresas menores, chegando ao valor de R\$ 5.113,73 (cinco mil, cento e treze reais e setenta e três centavos), para os profissionais *master* em grandes empresas.

Kelly Elisa Kim, 37 anos, é filha de imigrantes: pai coreano e mãe paraguaia. Nascida e criada no bairro Bom Retiro, a estilista teve uma infância entre tramas, fios e costuras – caminhos familiares que se desdobram para sua formação como designer de moda. Ao longo de seus vinte anos de carreira, ela coleciona experiências que passam pela costura, modelagem, criação e gestão. Como uma profissional versátil, atuou em diferentes empresas e setores da moda, até se estabelecer como empreendedora de sua própria marca. Em sua trajetória, Kelly pensa as relações entre moda e o mercado de massa de forma madura e consciente, extraindo o melhor de suas experiências e buscando um crescimento profissional através das estruturas fabris, das técnicas assimiladas, dos maquinários e do acesso aos matérias, fornecedores e contatos – um conjunto de conhecimento que permitiram que ela hoje se debruce sobre o viés de sua empresa. Segundo Kelly, a figura do estilista/designer é:

“Essencial dentro das fábricas do Bom Retiro. Por se tratar de empresas com quadro grande de colaboradores, este profissional ocupa um lugar de liderança, gestão e comunicação, no geral, são cargos valorizados por desempenharem tais funções. Em algumas empresas são considerados gerentes e diretores dentro das estruturas, uma vez que, a partir das criações, toda a cadeia trabalhará em cima das ideias até chegar ao público alvo, passando por toda

¹ Educa Mais Brasil. Disponível em: <<https://www.educamaisbrasil.com.br/>>. Acessado em outubro de 2021.

parte técnica, criativa e marketing. Sobre a possibilidade da inexistência de um designer de moda dentro das marcas, penso que possível tudo é! Contudo, duradouro com bases esteticamente bem definidas e executadas, acredito que seja impossível.”

Ainda sobre a importância do estilista dentro das fábricas, Felipe Gomes, 32 anos, natural de Minas Gerais, coloca: *“na minha visão é importante ter esse profissional no quadro de funcionários das estruturas industriais, simplesmente pelo fato de agregar um novo olhar, trazer referências e novas possibilidades de pesquisas de comportamento, fotografia, design, arquitetura, tudo que complementa as performances da criatividade, além da integração desse profissional com a totalidade dos processos. Afinal, conhecer e participar de todo o percurso do desenvolvimento do produto, vai além das esferas da concepção do desenho. É preciso direcionar a pilotagem, escolher materiais, tocar a produção e, por fim, verificar a reação comercial em loja. A respeito da criatividade, acho que existe uma adaptação sim, que foge da criação autoral, moldada para atender às demandas do proprietário e seus respectivos clientes.”*

Entre as experiências compartilhadas, há algumas particularidades que são realizadas na comunicação diária dentro das fábricas, um certo desconforto no diálogo entre os funcionários, uma vez que é comum que aconteçam trocas em outros idiomas em reuniões entre pares coreanos, para assinalar impressões, problemas relacionados aos produtos ou aos colaboradores. Esse ato sempre sugere especulações, que são desconfortáveis perante à equipe, uma vez que são vistas como uma troca que não inclui todos os presentes e, portanto, não parece justa ou clara.

Ser absorvido pelo mercado fabril do Bom Retiro confere a experiência de um grande intercâmbio entre culturas – bolivianas, coreanas e brasileiras – que se sobrepõem no chão de fábrica, expressão essa que, muitas vezes, sintetiza uma desorganização dos encontros e do lugar para produzir, com mesas improvisadas, poucas cores e estruturas improvisadas. A fala de Felipe corrobora com esse entendimento:

“Então, muitas das fabricas do bairro tem estruturas antigas, que não abarcam as expectativas fashionistas dos estilistas, visto que, no geral são ambientes apertados e sem organização, onde a possibilidade da separação é apenas uma sala branca, clean, com flores e um quadro de referências, que particularmente não nos separam – uma vez instalado dentro destes espaços também nos tornamos um tanto bagunçados. Das coisas que gostaria de ter tido autonomia para mudar nos espaços que trabalhei, seria os valores das peças direcionadas às oficinas. Acredito que os valores estavam sempre abaixo, e que muitas empresas se aproveitam das condições simples das oficinas bolivianas para precificar os serviços, creio que este é um ponto de grande atenção a ser questionado dentro dos setores da indústria têxtil. Hoje, trabalhando fora do polo têxtil Bom Retiro, verifico como o trabalho em ambientes mais tranquilos, organizados contribui para uma melhor performance criativa. Atualmente moro em Portugal e trabalho para uma empresa portuguesa, conhecida no mercado internacional, onde não existe distinção por gênero, cor. A instituição é completamente friendly. Costumamos dizer que trabalhamos em uma fábrica de fotos, cujo as estruturas são de fábrica: um galpão, porém extremamente organizado, com comunicação bem sinalizada e área criativa bem definida.”

Ao longo das entrevistas, revisitei minha própria trajetória profissional. Inserida há oitos no mercado atacadista, à frente de marcas de vestuário feminino no bairro, avistei semelhanças neste percurso, que abarca um aprendizado grande e intenso dentro do escopo criativo. Assim como são estabelecidos múltiplos questionamentos sociais, que se mostram as margens da costura em si, questões inerentes à diversidade, às desigualdades e a tudo que se desenvolve através teias da sociedade que ali se estabelece. De certo, as inquietudes traduzem o combustível para este encontro das falas, que emergem de estruturas industriais rígidas, em um cenário árido e que é responsável pela geração de renda de milhares de pessoas. Neste sentido, as falas de uma das colegas de profissão, Jamile Souza, 23 anos, natural de Belém do Pará, sintetiza de forma precisa o território da confecção:

“Nas fábricas há uma reprodução da sociedade brasileira em pequena escala. As pessoas que estão em posições de poder, sendo donas ou nos cargos mais

altos, costumam ser pessoas brancas ou do leste asiático, e as pessoas que estão nas posições de trabalho de menor remuneração, na pilotagem, no corte, no acabamento, na limpeza, nas oficinas etc. costumam ser pessoas pretas e pardas e pessoas imigrantes, em sua maioria, bolivianas e paraguaias. O que acontece na pirâmide social brasileira: pessoas brancas no topo e negras na base. Então, o ambiente dessas trocas pode ser tanto enriquecedor, quando se há uma preocupação com a relações interpessoais desenvolvidas com respeito (como foi a minha experiência), ou pode ser um ambiente que reproduz essa hierarquia de forma acrítica, com os donos e estilistas no topo e outros funcionários só tendo que obedecer. Eu acredito que as fábricas precisam de uma estrutura melhor e melhores salários para os trabalhadores”.

A partir das trocas fica evidente que o desejo por uma melhoria financeira é um dos fatores responsável pela decisão das pessoas em migrarem, de seus países e cidades de origem, para a cidade de São Paulo. Brasileiros veem como uma possibilidade de mudança de vida, oportunidades de estudo, além da possibilidade de adquirirem uma ampla bagagem cultural. Bolivianos, muitas vezes, se estabelecem na cidade por intermédio de amigos e familiares, que já fizeram suas travessias com a mesma promessa de crescimento por meio da costura e do trabalho em fábricas. Já a imigração coreana, partir do ano de 1963, passa pelo cenário das guerras entre as Coreias, o que confere ao Brasil o papel de um lugar de acolhimento e permanência para o povo sul-coreano. Os imigrantes sul-coreanos se firmam na cidade de São Paulo em diferentes esferas do comércio, visto que as primeiras experiências nas fronteiras rurais da cidade não tiveram êxito.

Ao pensar a heterogeneidade promovida através do processo da costura, e todas as relações administradas a partir das trocas no complexo industrial do Bom Retiro, é possível realçar a complexidade das indústrias têxteis e seus modos operantes na produção de roupas. Ao mesmo tempo, questiona-se o cenário fabril, atravessa-se a pluralidade de mãos, falas e saberes, a fim de compreender as pontes que são instauradas no feitiço de peças, das quais a única linguagem nítida é o próprio produto. Entender a grandeza dessas relações e de toda a extensão desses produtos, ao longo do território brasileiro, justifica um

pensar da moda para além do fiar da produção, comprova que o designer exerce também um papel social dentro de suas costuras, pensando comportamentos, criando e vestindo corpos com roupas, mas também com interrogações que partilham de texturas, camadas e signos, no intuito de despir os processos e torna-los acessíveis a todo o tecido industrial. De acordo com Jamile:

“Houve alguns fatores relevantes para minha saída do Bom Retiro, da confecção/estilismo num geral, mas acredito terem sido dois principais: o primeiro é a percepção de quanto lixo é produzido pela indústria têxtil, indústria da moda e, especialmente, pela indústria do atacado e de lojas de departamento de varejo. Ao mesmo tempo que eu ficava feliz em saber que tinham vendido em dois dias 300 peças de um vestido que eu tinha desenhado, eu pensava “onde isso vai parar? Por que as pessoas precisam de tantos vestidos assim?” Além de pensar que, para produzir essa quantidade com um preço relativamente acessível, era necessário pagar muito pouco às oficinas de costura e a todos os trabalhadores das fábricas. Então, esse volume de produção barata e mal paga, que produz uma quantidade absurda de lixo, foi o primeiro motivo para minha saída. O segundo motivo, foi que, ao longo do meu trabalho no Bom Retiro, eu fui me aproximando da pesquisa acadêmica e entendendo que, o que eu estava aprendendo naquele momento, eu poderia ensinar em faculdades de moda para os futuros profissionais e contribuir de alguma forma para a mudança desse cenário de produção”.

A indústria da moda é povoada por pessoas que exalam sonhos, que trazem provocações e reflexos de modelos sociais e políticos. A tendência a uma perpetuação de modos, que demarcam uma estrutura de trabalho e atuação, que excedem os produtos, cinge trajetórias, mas também esmaece as relações – sejam na perspectiva trabalhistas, quanto nas eventuais incomunicabilidades. A necessidade de corresponder às demandas de capital gera um sufocamento que promove abismos sociais em sua própria concepção.

4. Etnografia Têxtil

“A produtividade ou criatividade de nossa cultura é definida pela aplicação, manipulação, reatualização ou extensão dessas técnicas de descobertas. Qualquer tipo de trabalho, seja ele inovador ou simplesmente “produtivo”, como se diz, adquire sentido em relação a essa cultura que constitui seu contexto de significação”. (WAGNER, 2018. p.52)

Ao conjugar as funções do cotidiano, através da experiência do contato com o campo industrial e com a partilha das relações sociais que emergem nos contornos da costura, apresento o *layout* da fábrica a partir de trajetos e incursões pessoais, fruto dos desdobramentos da rotina oficial como estilista. Pensar a operação da criatividade, produtividade e as relações sociais neste recorte é revelar um escopo cultural, que é proporcionado pelos trabalhadores industriais da moda. Sendo assim, uso das narrativas de Roy Wagner (2018), para inspirar um olhar etnográfico, agenciado pela vivência, sob as perspectivas da prestação de mão de obra. Wagner (2018) usa a prestação de serviços de um encanador para ilustrar a intencionalidade de um complexo campo de descobertas tecnológicas, mediante esforços produtivos interligados, transmitindo por esse ato, a partir dessa integração, o sentido de “trabalho”. O que ocasiona, portanto, um ato do fazer como uma função social, denominada pelo autor como profissão. A partir desse “trabalho”, novas interferências culturais abarcaram o contexto desta ação perante ao território, onde o personagem citado pelo autor se insere. O encanador estabelece uma relação de complementariedade entre seus esforços e os esforços de outros atores que exercem a mesma função de “trabalho”. Partindo da mesma relação, pode-se inferir que o trabalhador antropólogo se estabelece de forma análoga, através de uma base de habilidades e ideias, operadas por meio de teorias e ações práticas que visam contribuir com o desenvolvimento da pesquisa antropológica, principalmente quando esta emerge de culturas alheias, pautadas pelo contato. Neste sentido, podemos estabelecer conexões com as fábricas e seus múltiplos agentes, sugerindo a cada pessoa um universo diferente, fragmentos culturais interligados pela função do trabalho que tendem a complementar e ao mesmo tempo impactar diversos mundos.

A partir da complexidade e da extensão das relações que surgem no chão da fábrica, busco a etnografia como metodologia para absorver as abstrações que atravessaram meu trabalho enquanto estilista. Sugestionei um mapeamento das áreas da confecção, passei a usar do grafite para desenhar palavras sobre as vivências do cotidiano fabril. A experiência do campo ocupou um lugar distanciado, porém concatenado ao da estilista, materializando como um ensaio em uma escrita polifônica. As múltiplas vozes de outros agentes criativos, compartilham de ideias, inquietações, inspirações sobre pluralidades e pessoas. A possibilidade em transformar o ambiente da fábrica como campo, lugar de pesquisa, encontrou sentido nas estranhezas fomentadas a partir da partilha do espaço por uma diversidade pessoas – encontros horizontais de culturas que acabam por interferir no processo de confecção das roupas que são ali produzidas. A necessidade em fazer conviver os avessos, fatos, memórias da pluralidade, foi a maior das inspirações para a aproximação com a condição de pesquisadora, visto que, pensar com olhar imerso na função designer torna as composições do espaço menos rígidas, viáveis ao ponto de estender essa experiência como estilista ao longo de oito anos, de forma a disponibilizar um acesso a tantas ferramentas, pessoas e entendimentos acerca de uma engrenagem eloquente que a cadeia têxtil tatua em tantos corpos operários. Dias intensos e de trabalho ininterrupto para um setor que se espraia pelo território de um país de dimensões continentais como produtor e gerador de renda, além de veículo que comunica identidade e proporciona autoestima e cuidado para outras tantas pessoas. Considerando as disposições da moda, passei a conferir ao corpo sob diferentes constituições e formas de estar no mundo: alguns estarão sensíveis ao feitio e elaboração dos produtos, já outros pagam para se integrarem ao sistema a partir dos códigos do vestir.

Este trabalho teórico de análise etnográfica, parte de longas observações, em momentos distintos, dentro e fora da fábrica. Descrições, cadernos de inspirações, cores, tecidos, sotaques, cheiros, hábitos diários, formas, costuras e na conjugação de todos esses sentidos que são necessários para evidenciar o que está posto entre os meios da costura. Através da investigação, observei uma ritualização do cotidiano, na falta das falas, nos gestos, no corpo e nas expressões. Com olhar quase estrangeiro, me detive a uma curadoria justa de

algumas cenas das quais a confecção se mostra como base de uma etnografia. Os alicerces do desenho propiciaram modelações das cenas sociais, das quais todos os setores da fábrica se mostram sob o nuance de suas respectivas relações sociais que são fiadas pela costura rotineira. Na tentativa de alcançar tal clareza, foram construídas ilustrações a partir de desenhos e fotos projetados através de minhas percepções diárias.

Estes dados foram articulados em um feito plural com o designer gráfico Ricardo Guimarães, que também é um dos interlocutores da pesquisa. A polifonia aqui também se justifica por intermédio da linguagem e dos desenhos, visto que, compartilhamos de vivências paralelas e de outras que se encontram em nossas trajetórias profissionais nas fabricas do bairro. Ao articular as ferramentas gráficas na concepção etnográfica, agenciei os papéis da minha condição de designer de moda, da qual a curadoria dos processos criativos é cotidiana e exige uma atuação interdisciplinar. Essa pluralidade da moda está presente em todos os processos, de forma que acredito que uma autonomia mais evidente e autoral possa revelar uma confecção artesanal entre áreas, mãos e falas. Submeter a reflexão social das relações fabris, a partir de envolvimento sensorial mediado por ilustrações, pode tornar o recorte desta pesquisa mais coerente, moldando as delimitações das repartições. Acredito que a ambientação proporcionada pelos desenhos não seria tão evidente através da linguagem fotográfica, visto que a pesquisa busca compreender a falta de integração e os desajustes de um campo que não se conecta de uma forma linear.

4.1. Ilustrações

Perdoem meus desenhos. Existem por ternura, não por talento. São uma caligrafia para meditar, um gesto no qual procuro imergir para encontrar ideias livres. Quase sempre desenho pela espera ou pelo impasse de um texto. Desenho para escrever.

Mostrar, deste modo, as minhas figuras toscas, muito falhas, é sobretudo mostrar uma companhia de toda a vida: a ansiedade de fazer algo surgir. (VALTER HUGO MÃE, 2018. p. 59).

A seguir são apresentadas ilustrações que buscam pensar o cotidiano das relações e do ambiente que compõem a etnografia de uma fábrica no bairro Bom Retiro.



Figura 1: Loja - Ilustração das interfaces comerciais de relação entre a fábrica e o consumidor.

De acordo com Fletcher e Kate (2019), nossa bagagem cultural contribui como facilitador de novos pensamentos comportamentais:

A construção de conhecimento por meio da experiência – confeccionando peças de indumentária, vendo imagens ou filmes ou participando de excursões, por exemplo – é reconhecida no campo da investigação cooperativa como uma das “quatro formas de conhecimento” usadas para explicar como discernimos algo que está além do alcance tradicional dos estudos científicos e acadêmicos. Essas quatro formas são: experiencial, testemunhal, proposicional e prática. Afirma-se que têm mais valor quando se apoiam umas nas outras, isto é, quando nosso conhecimento é fundamentado em nossa experiência, manifestado por nossas histórias ou imagens, compreendido por meio de teorias que fazem sentido para nossas vidas. Aqui, o papel do designer como comunicador é obter informações abstratas, muitas vezes ineficazes para promover a ação, e torná-las reais e adequadas, para

desencadear novos comportamentos. (FLETHER e KATE, p.158, 2019).

Sendo assim, operamos através da indumentária as diferentes relações com os espaços onde é instigado o consumo. As estruturas físicas das lojas configuram este atravessamento de mundos, em temporalidades paralelas, como uma ferramenta de sedução moldada pela linguagem do *visual merchandising*, com a finalidade de destacar o melhor dos produtos e induzir a um consumo espontâneo e imediato, do qual a integração com espaço não intenciona pensamentos para além das redomas do ambiente da loja. Neste contexto, sugiro uma percepção que excede os espaços de sedução, nos quais o cliente estabelece relações sensoriais e comerciais, por vezes, desconhecendo os avessos da costura – o corpo estrutural fabril, um organismo presente, porém invisível. As lojas do bairro exprimem essa passagem das relações desconhecidas: são lojas bonitas, organizadas que por traduzirem frescor, elegância e modernidade, inspiram clientes atacadistas de um país inteiro e sugerem novas formas de comportamento através das imagens. Aqui cabe pensar esse ambiente como o meio das relações entre consumidor e fábrica. Imagine atravessar a área social da loja e alcançar as escadarias de acesso ao complexo galpão fabril. Toda produção é, de certo modo, atravessada pela loja: matérias primas, saídas e entradas da produção, trabalhadores das distintas áreas que incorporam a produção. Existe um organismo vivo e vibrante no teto de cada loja do Bom Retiro. Existem sons plurais de máquinas, sotaques diferenciados, outros modos de viver. Neste sentido as figuras 1 e 2 demonstram esse emaranhado de relações. Loja, cliente e fabricante, todos em um mesmo lugar, pautados pela relação comercial do consumo. A loja sugere, através do apelo visual, relações para fora, ao tempo que inspira experiências coloridas, enquanto que, no contexto industrial, os atores responsáveis pelo feitiço estão imersos em um convívio padronizado por hierarquias coreanas, em ambientes controversos, sem muita estrutura, sem beleza e em uma sobreposição de pluralidades interligadas pela necessidade do salário. A impressão é que ao entrar nessas estruturas íntimas da fábrica, perdemos as cores, a partir da interferência do próprio espaço que delimita cor em sua agência industrial.



Figura 2: Produção e Gerência – Ambiente misto entre funções.

As figuras 3 e 4 revelam as misturas das relações e evidenciam contatos de intimidade que trazem uma ilusão de relações que são quase domésticas. Contudo, esse território fabril também implica em um conjunto de questionamentos atrelados ao feito. Na figura 3, são representados os proprietários coreanos instalados em uma mesa que é utilizada para as refeições. Neste mesmo espaço estão a geladeira, o micro-ondas, os talheres, pratos, panela de arroz elétrica – uma verdadeira estrutura de cozinha disposta no centro da fábrica, onde as demais pessoas compartilham do mesmo espaço e transitam com os tecidos, sacos de aviamento, lixo; além do trânsito das peças e toda logística de conferência da produção, arremate, embalagem e corte para as próximas produções. Isso torna o ambiente insalubre para alimentações, não seria saudável comer ali. Entretanto, esse ato parece ser calculado e tem subsídios na própria afirmação de uma cultura de imposição e dominação. Ao realçar uma suposta simplicidade aludem à necessidade de redução gastos, enfatizam poucos recursos financeiros, projetando para os colaboradores a ideia de uma empresa familiar, situação essa que pode inibir questionamentos quanto

às questões financeiras, freia projeções salariais dos funcionários que estarão sempre sensíveis às falsas condições dos patrões. Outra situação de estranheza, com frequência levantada pelos colaboradores da empresa em virtude desse ritual da alimentação, são os diferentes cheiros e temperos das comidas. Por se tratar de outra cultura culinária criam-se especulações sobre o sabor, os costumes e uma infinidade de comentários relacionados, que vão desde o desconhecimento e curiosidade até manifestações preconceituosas, em decorrência da comida e cultura.

A fábrica é um local que abriga vários mundos. No setor do corte temos uma maior concentração de brasileiros, muitos desses são nordestinos que chegaram com a promessa de uma vida melhor, atravessados pela necessidade imposta de seu próprio chão e pelas desigualdades sociais. Os olhares de muitos aqui são mareados de saudade, neste ambiente também temos uma grande concentração de imigrantes paraguaios. No geral, é um espaço predominantemente masculino, com muitas brincadeiras conflitantes sobre mulher, política, futebol e a cultura alheia. O visual é composto por uma profusão de coisas: entre tecidos, moldes, maquinários industriais para o corte das roupas, tesouras, mesas enormes para enfiar, onde se desenrola milhares de metros de tecido semanalmente e, assim, a produção caminha a passos largos para abastecer as oficinas de costura. Este setor nunca pode parar, justamente porque dele dependem as oficinas bolivianas, prestadores de serviços terceirizados, como também imigrantes concentrados ao longo da cidade pela oferta de trabalho atrelado à costura.

Na ilustração 4, temos um recorte do terceiro andar onde estão concentradas as áreas de desenvolvimento das peças, costura, modelagem, e estilo, bem como os banheiros e refeitório que é compartilhado pelos colaboradores de todos os setores. A área da costura é interligada pelas salas da modelagem e do desenho técnico digital, neste local se desenvolve as modelagens projetadas a partir dos desenhos e fichas técnicas do estilista, um trabalho artesanal entre as mãos plurais dos costureiros. De modo geral, este é um ambiente misto, os costureiros, em sua maioria, são homens bolivianos, enquanto que as mulheres são brasileiras, assim como os profissionais da

modelagem. É uma área mais calma, bem introspectiva com cada profissional concentrado em suas respectivas máquinas. Ali, a atenção dos trabalhadores está conectada ao rádio, que tem a estação acordada entre todos. As pessoas nesse setor são bastante cooperativas, dividem alimentações, linhas, chave do banheiro, parece que estão pautadas em ajudar. Talvez seja este o grande reflexo em se trabalhar com a montagem das coisas abstratas, o intento em fazer com que as relações deem certo, unir os meios. A costura é esse lugar de travessia dos desenhos para coisas reais, palpáveis enquanto matéria física. O conjunto das relações são como as peças pilotos, uma construção diária do entendimento de outros mundos. Há muitos casos em que os costureiros não gostam de alguns desenhos, porém, mesmo assim, os tratam da melhor forma possível, dão vida, tudo com muito respeito, pois ao costurar eles compreendem a dimensão que cada peça tem ao longo de sua extensão produtiva e geradora de renda.

Ainda sobre as particularidades da fábrica, se verifica uma relação de desconforto entre todos setores e colaboradores: nesse ambiente múltiplo e complexo é comum que cada profissional receba, mês a mês, dois rolos de papel higiênico, calculados para o período mensal, os quais as pessoas guardam consigo no espaço oficial. A cada ida ao banheiro, precisam realçar suas necessidades fisiológicas ao transportar o rolo de papel, além de terem que pegar a chave na sala do setor que também é compartilhada por diferentes áreas. Uma estratégia invasiva, que expõe o colaborador e que realça constrangimentos. Outra situação um tanto quanto incômoda para os colaboradores é a saída ao final do expediente de trabalho, quando todos os profissionais precisam mostrar suas bolsas. Um conjugado de indelicadezas industriais das quais o trabalhador precisa administrar com mansuetude. Os modelos industriais do bairro não trazem formas gentis ou engrandecedoras, que permitam um bom acordo das relações para a gestão das empresas, uma vez que sempre existe uma sobreposição cultural por parte da cultura que controla a produção e, assim, as contratações. São esses os responsáveis por precificar o quanto vale o trabalho, que é pautado pela exigência do aumento de lucros. Esse cenário não parece oferecer permitir a possibilidade de uma relação justa entre os diferentes agentes que compõem o feitiço nas fábricas.



Figura 3: Corte e Refeições.

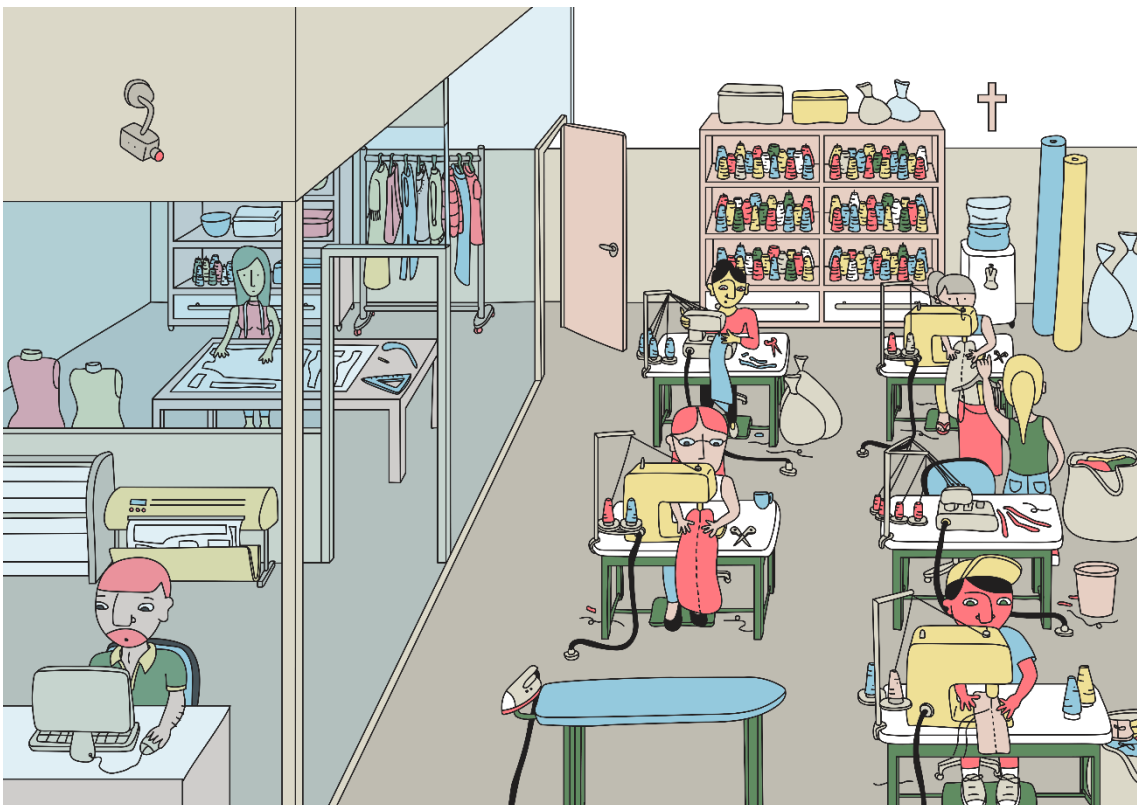


Figura 4: Costura e Modelagem.

As próximas imagens ilustram as vivências compartilhadas entre as áreas. Na Figura 5 temos a sala criativa, que divide espaço com uma pluralidade de funções: desenvolvimento dos desenhos, coordenação da produção, marketing, estúdio fotográfico para elaboração de conteúdo das mídias sociais. Verifico este espaço como um lugar que expõe as hierarquias, privilégios, diferenciações no trato. Esta sala é partilhada entre a proprietária da marca, estilista, assistente de estilo e coordenador marketing, estas últimas estão sob a coordenação da estilista e da proprietária da marca. Minha função como estilista é correspondente ao campo da direção criativa, estão entre as atribuições: delegar sobre a essência das coleções, na elaboração das estratégias criativas, textos, na elaboração dos cenários e concretização, bem como cuidar para que a marca permaneça com uma identidade definida desde os produtos até a comunicação.

O designer, nesse espaço, ocupa uma função de liderança e gerenciamento de processos de produção, agenciando pesquisas, desenvolvimento de produtos, compras de tecidos e aviamentos. É o elo de ligação com fornecedores e a marca, além de acompanhar as etapas da costura, corte, modelagem e organizar as entradas mensais dos produtos. Ainda dentro das funções do estilista está o trabalho visual das vitrines, atualizadas semanalmente na loja, possibilitando, assim, uma ampla integração do profissional com diversas áreas, embora isso acarrete em uma sobrecarga de funções com um valor salarial que corresponde a função de estilista, concretizando assim a otimização profissional.

As relações entre a proprietária e todos os funcionários deste setor ocorre de forma direta, sem interferências de outros funcionários. Os privilégios aqui seriam pensados como a possibilidade de um ambiente mais organizado, com ar condicionado compartilhado com a chefia da empresa, que pode ser interpretado como uma vaidade dos proprietários que é ofertada aos colaboradores.

Ainda neste espaço, são feitas as provas de roupa das novas coleções. No dia de provas, a sala se transforma em um ambiente árido, com relações muito inflamadas entre os profissionais do estilo, modelagem e gerente comercial, uma vez que as trocas fogem dos contornos da costura e passam

pelo desrespeito de relações profissionais. As ofensas pairam o desprestígio do desenho, da modelagem, invalidando pesquisas, dificultando a aprovação de produtos. Por fim, cabe ressaltar que este processo é sempre exaustivo, pois a expectativa é que as produções sejam cópias da concorrência e, na maioria das vezes, o estilo tenta apresentar coisas novas, fato que é questionado pela equipe comercial por não reconhecer os comparativos que absorvem da concorrência local.

Na figura 6 temos o esboço da convivência plural das diversas áreas no refeitório. O espaço se divide entre sacos de roupas para lavar e a alimentação. O local é marcado por uma profusão de ruídos nos horários de almoço e café. Com a televisão continuamente ligada em programas sensacionalistas, os encontros nesse espaço são repletos de assuntos políticos e das inquietações dos telejornais. As profissionais da limpeza são responsáveis por cuidarem da ordem desta área, esquentam as marmitas de todos funcionários, prepararam o café da tarde e da manhã. Além de lavar as peças de roupas que chegam sujas das oficinas, também são responsáveis pela limpeza geral da fábrica e loja.



Figura 5: Sala criativa, Estilo e Estúdio Fotográfico.



Figura 6: Refeitório.

4.2. Bom Retiro: contornos do cotidiano

Vapor da Imigração

*Ó Deus, este nosso sacrifício de estrangeiro
Meu coração vive apertado
Foi tanto sofrimento em silêncio
Com saudade e dor que nunca regou nossa terra*

*Ó mar, recebe esta morna e entrega a eles
Diz a eles que um dia nossos filhos não sentirão mais saudade
Nossas mães não chorarão mais seus filhos que partiram
Pra uma terra longe, no vapor da imigração*

No vapor da imigração

*Meu povo, filho da esperança
Resistamos, vamos unir nossas mãos
E cada dia há de ser maior
Com a força dessa tradição*

*Vento, espalha-nos no mundo
Na batalha com o mar fomos valentes
Quebramos as pedras e arrebatamos o nosso orgulho
No vapor da imigração
No vapor da imigração*

(Mayra Andrade, música Vapor Di Imigrason, tradução livre)

Ao meu ver o Bom Retiro é este lugar que acolhe pessoas, que é vapor de sonhos, povoado por pessoas que, desde sempre, veem atrás de melhores alternativas de vida. Este é o sentimento comum que atravessa gerações e décadas, uma sobreposição cultural perpassada por povos italianos, judaicos, coreanos, bolivianos, paraguaios e brasileiros de diversos estados, todos com um objetivo em comum, a busca por trabalho. Neste contexto Truzzi (2001), ressalta a cultura fomentada pelo bairro como um microcosmo social, localizado no centro da cidade e que absorve, em distintos momentos, contingentes de imigrantes que possuem diferentes características. Sendo inexorável o papel do bairro enquanto agente de integração entre diferentes etnias, promovidas a partir do contato das diferenças de forma harmoniosa, distanciada de conflitos. As origens da ocupação deste território datam do início do século 19, por parte das elites que ocupavam as chácaras as margens do rio para descanso aos finais de semana. Nesse período, o espaço convergia entre o rural e o urbano. O nome Bom Retiro é herança desse tempo. Observo o multiculturalismo conferido à região e seus desdobramentos que são atravessados por uma constante remodelação social, da qual os alicerces na cultura do proletariado industrial se findam até os dias atuais. Um bairro que se divide entre habitações e indústrias, atualmente denominado como um polo têxtil, responsável pela confecção e venda de vestuário, e com relevante impacto econômico no cenário nacional a partir da distribuição de peças de roupas que são produzidas.

Analiso a experiência cultural do bairro como um dos fatores interessantes para os profissionais da criatividade, visto que a profusão de trocas diárias permite um constante renovar das impressões culturais. Todos os dias ao

caminhar pelas ruas do bairro é possível experimentar novas vivências, sabores e trajetos. A culinária local é muito rica, permite a experiência de distintos pratos tradicionais: o cardápio é variado desde o falafel da Malka até o bibimbap coreano. Podemos ainda falar do restaurante grego, da confeitaria búlgara e da infinidade de cafés coreanos, com vários tipos de chás, cafés gelados e bolos de matcha. Verifico assim o espaço como um facilitador de integração sociocultural, um vetor econômico em constante expansão e afinado com os fluxos de imigração. É curioso observar os modos de viver de cada povo ali instalado. Curiosidades sobre como as diferentes etnias interferem na estrutura do bairro e em sua distribuição neste território imediato.



Figura 7: Ilustração do bairro Bom Retiro.

O bairro dos contrastes contorna os domínios industriais, em meio as tradições culturais dos imigrantes, entre sinagogas, igrejas católicas coreanas e igrejas evangélicas coreanas, onde os espaços são geradores e provedores da fixação dessas culturas. Em meio a tais frentes, é promovida a manutenção de valores, tradições e a afirmação dos respectivos grupos, a fim de viabilizar uma

constante integração e renovação nos papéis sociais da região. Um dos fatores interessantes do trabalho no bairro é a imersão gastronômica, visto que há uma grande oferta de restaurantes coreanos, além da coexistência de diferentes culturas. Para grande parte dos interlocutores da pesquisa, uma das melhores coisas da permanência na redondeza das fabricas é a oportunidade do encontro com a multiplicidade étnica, que confere trocas do feitio e sociabilidades as margens da mutação do próprio lugar. Um bairro predominante misto que agrega várias funções, diversos equipamentos públicos, um chão de realidades recortadas pelas travessias do imigrante, que em sua densidade corporal não se justifica em apenas uma escala, este território não se traduz apenas como complexo industrial nem tão pouco como bairro residencial. As pessoas mesmo longe de suas casas originais, se permitem enraizar e costurar novas texturas no tecido social da cidade. O imigrante é como entremeio das relações plurais, evidencia o corpo como memória, retalhos do cotidiano que despertam as novas relações.

Verifico a experiência do contato como um atravessamento de sentidos, relembro das primeiras andanças ao longo do bairro Bom Retiro, um perfume de desconhecido confere a geografia do próprio espaço, que a todo tempo rouba atenção, em partes distintas do bairro, ao atravessar a rua José Paulino, mergulhamos nas experiências comerciais sugeridas ao varejo, profusão de ruídos e ofertas em múltiplos sotaques nacionais com um acento maior aos nordestinos, mascateando ofertas das barracas ambulantes presente nas ruas. Ao atravessar as galerias ganho a rua aimorés onde se justifica minha existência nas relações com o bairro, o marco zero da minha trajetória como estilista, onde deixei o currículo que deu certo, e a partir deste fato, reelaboro todos os dias as passagens deste lugar, que inspira movimento em seus contornos, narrativas de mundos diversos e complexos. Os dias aqui tem ares de viagem, a todo tempo penso estar em outro país, outro tempo. As pessoas inspiram em seus idiomas plurais, usam a moda pontualmente relacionada aos símbolos de sua própria cultura. As estranhezas das ruas de certo é produto de um desconhecimento amplo da cultura do outro, uma atrofia de experiências que induz a reflexões por contrastes, sendo assim ao deixar-me inserir nas fabricas creio que também alarguei horizontes, compartilhei das minhas raízes, sotaques, entreguei um

pouco de mim mesma e ganhei muito de tantas outras pessoas também, assim compartilho dos mesmos choques e sentimentos de partida, no deixar ir e vir que cada imigrante carrega na bagagem.

“ Saber orientar-se numa cidade não significa muito. No entanto, perde-se numa cidade, como alguém se perde numa floresta, requer instrução. Nesse caso, o nome das ruas deve soar para aquele que se perde como estalar do graveto seco ao ser pisado, e as vielas do centro da cidade devem refletir as horas do dia tão nitidamente quanto um desfiladeiro. Essa arte aprendi tardiamente; ela tornou real o sonho cujos labirintos nos mata-borrões de meus cadernos foram os primeiros vestígios. (Walter Benjamin- infância em Berlim)

Este breve panorama dos contornos e vivências no bairro bom retiro, sintetiza as passagens do cotidiano e vivências a partir do eixo da costura nas fabricas, conjunto de inspirações, afetações e densidades, manejados na tentativa de relatar e dar vazão aos corpos operários como fusão e integração por meio da partilha de costumes e fazeres.

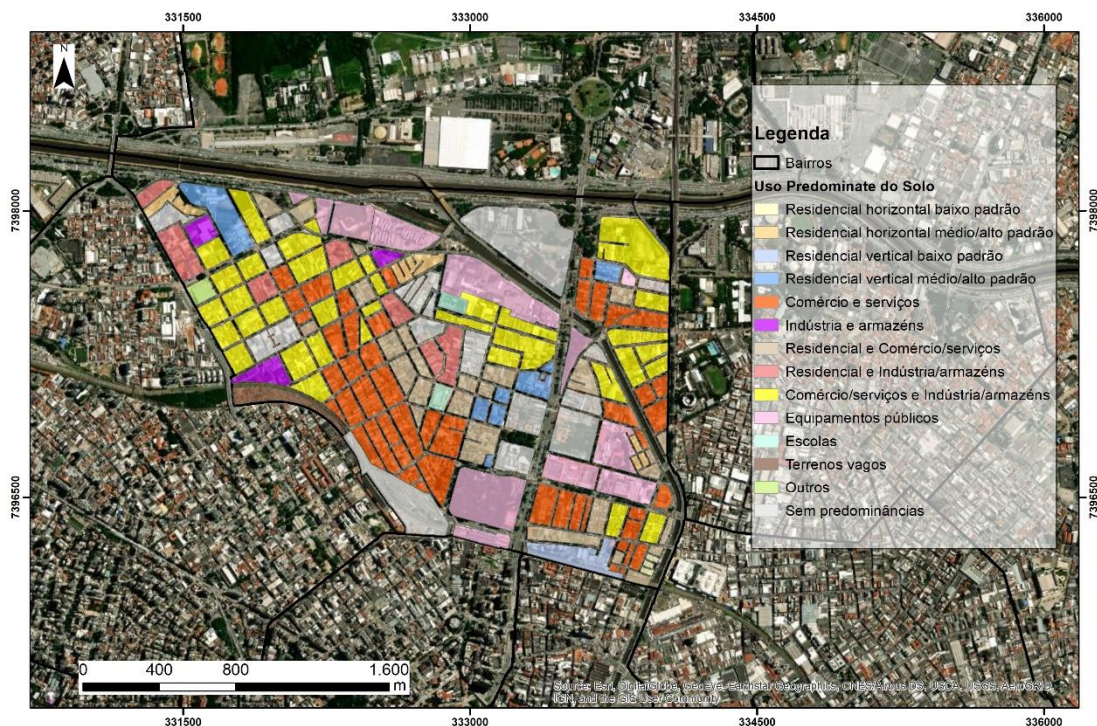


Figura 8: Mapa do uso predominante do solo para o bairro do Bom Retiro.

5. Considerações finais

Iniciei este ensaio revelando os desejos de uma escrita polifônica, interdisciplinar, pautada nas vivências do cotidiano fabril e em observações participativas e flutuantes. O objetivo inicial perpassava uma análise das relações sociais, cingidas a partir da pluralidade das mãos no feitiço da costura entre imigrantes, em fábricas do bairro Bom Retiro, na cidade de São Paulo.

As inspirações responsáveis por esta costura sob palavras emergem das complexas relações do chão das fábricas, das quais algumas estranhezas inerentes ao espaço e suas composições abriram lacunas para investigações que se referem aos modos de viver e operar das diversas culturas, mediadas a partir da moda. Para a elaboração da pesquisa, foram recolhidas entrevistas, através de questionários, referentes às experiências profissionais de estilistas no bairro. Essas entrevistas têm a finalidade de identificar em suas trajetórias padrões preestabelecidos e comportamentos recorrentes no sistema oficial, bem como em variadas empresas do setor têxtil. Observamos a ritualização do cotidiano e as interferências sofridas no processo da confecção de roupas em virtude da falta de integração das áreas e de ruídos na própria comunicação.

Ao longo da pesquisa, construímos uma escrita com contornos etnográficos, onde a fábrica é apresentada como campo de estudo, um recorte feito através de fotos, escutas articuladas por meio da participação do próprio pesquisador. Também foram concebidas ferramentas gráficas na tentativa de sublimar as imagens “reais” por meio de ilustrações que acentuam algumas particularidades, tornando evidentes algumas das subjetividades recorrentes no universo fabril. Para o feitiço das ilustrações foram definidas cenas e cartelas de cores que concretizasse o sistema industrial e sua rigidez, valorizando as tonalidades mais escuras para realçar o interior dos espaços. A partir da fábrica traçamos um panorama, do bairro ao longo das mutações sofridas pelos fluxos migratórios de diferentes povos, possibilitando um entendimento em um escopo para além do interior das fábricas.

A partir do contexto fabril, da vontade de um pensamento macro das relações que compõem o bairro dos imigrantes, suas travessias, mutações comerciais e culturais, a pesquisa verifica a integração plural de culturas

bolivianas, coreanas amparadas pela mão de obra dos brasileiros no fazer têxtil, sugere uma diluição da criatividade, a fim de tornar os produtos menos autorais e mais comerciais, competitivos – cópias rápidas das grandes *fast fashion* mundiais. Também sugere um novo pensar das estruturas das fabricas, assim como as relações trabalhistas com os colaboradores, visando condições mais justas e equilibradas que buscam tornar a cadeia têxtil mais clara, limpa e linear. As prospecções da pesquisa iluminam para novas possibilidades de estudos futuros relacionados as demandas do sistema fabril, produção e o conjunto das relações plurais entre imigrantes, coreanos e bolivianos e brasileiros.

6. Referências

- ANDRADE, Mayra Curado. Vapor di Imigrason: Mayra Andrade. Sony Classical. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=cVAhHaoNvNs>
- ARANTES, Antônio A. et al. A guerra dos lugares: sobre fronteiras simbólicas e liminaridades no espaço urbano. **Revista de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, v. 2, p. 190-203, 1994.
- BAIR, Jennifer; GEREFFI, Gary. Local clusters in global chains: the causes and consequences of export dynamism in Torreon's blue jeans industry. **World development**, v. 29, n. 11, p. 1885-1903, 2001.
- BARROS, M. **Poesia Completa**. São Paulo: Leya, 2011.
- BENJAMIN, Walter. Infância em Berlim por volta de 1900. **Obras escolhidas II. Rua de mão única**, v. 5, p. 71-142, 1987.
- COPELMAN, Dina. **London's Women Teachers: gender, class and feminism, 1870-1930**. Routledge, 2013.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **Cascas**. São Paulo: Editora 34, v. 34, 2017.
- FLETCHER, Kate; GROSE, Lynda. **Moda & Sustentabilidade: design para mudança**. Editora Senac São Paulo, 2019.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir Petrópolis**. Editora Vozes. 2008.
- GODART, Frédéric. **Sociologia da moda**. Editora Senac São Paulo, 2010.
- GOFFMAN, Erving. A representação do eu na vida cotidiana. In: **A representação do eu na vida cotidiana**. 2011. p. 231-231.
- HAN, Byung-Chul. **Favor fechar os olhos**. Editora Vozes, 2021.

- LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A estetização do mundo: viver na era do capitalismo artista**. Editora Companhia das Letras, 2015.
- MÃE, Valter Hugo. **O paraíso são os outros**. Editora Globo Livros, 2018.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista brasileira de ciências sociais**, v. 17, p. 11-29, 2002.
- OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. Vozes. 1978.
- SILVA, Mário Augusto Medeiros da. **A descoberta do insólito. Literatura negra e literatura periférica no Brasil (1960-2000)**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2013.
- TRUZZI, Oswaldo. Etnias em convívio: o bairro do Bom Retiro em São Paulo. **Estudos Históricos**, v. 28, p. 143-166, 2001.
- WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. Editora Ubu, 2018.

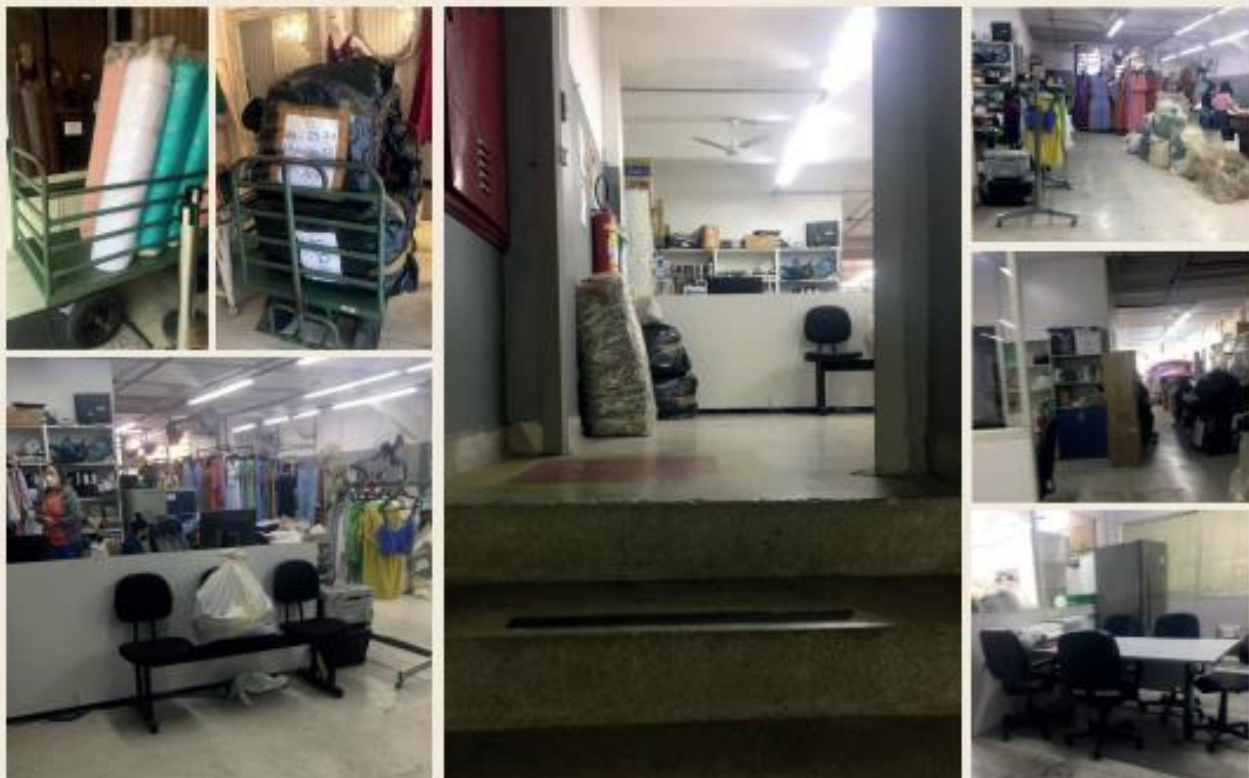
7. Anexos

7.1. Moodboards das referências fotográficas para ilustrações

Mood: costura/ modelagem



Mood : produção/ acabamentos



Mood: corte



Mood: resíduos têxteis e suas provocações sociais



Mood: Bom Retiro dos contrastes



Mood: tempos pandêmicos, esvaziamento e caos



Mood: o cotidiano fabril



Mood: a poética fabril



7.2. Narrativas

Nome: Poliane Lima

Nacionalidade: Brasileira por parte de pai e mãe

Idade: 29 anos

Formação: Graduada em Moda em Belo Horizonte e pós graduada em negócios de moda em Dublin, Irlanda.

Qual tempo de atuação profissional dentro da cadeia têxtil? E tempo de experiência no bairro bom retiro?

7 anos trabalhando com moda, 3 deles no Bom Retiro.

A partir de sua trajetória no Bom retiro responda, o porquê de buscar trabalho no bairro?

Maior chance e facilidade de conseguir o primeiro emprego como estilista em uma marca maior, oportunidades de aprendizado trabalhando em fábrica com um ambiente multicultural.

Quais os fatores mais interessantes em se trabalhar em um ambiente multicultural, como este polo têxtil?

A explosão de informação, o contato com tantas pessoas com histórias diferentes e a troca de conhecimento.

Quais as dificuldades presente na trajetória criativa , dentro das confecções ?

- A falta de segurança dos donos das marcas em dar autonomia para estilistas criarem peças diferenciadas e autorais.
- O grande número de cópias de grandes marcas e de marcas vizinhas.
- Manter o orçamento baixíssimo na confecção de peças, já que geralmente são vendidas com valores baixos.

Existe autonomia criativa neste mercado atacadista do bom retiro?

Bem baixa, eu diria 3 numa escala de 1 a 10.

Como você verifica o profissional criativo dentro das fábricas?

Baseado no meu círculo de amigos estilistas que trabalham ou trabalharam no bairro existe uma dificuldade em se expressar.

Acha que existe uma lapidação da criatividade autoral ? Porquê?

No meu próprio contexto eu tive, pela procura constante da dona da marca por cópias de marcas maiores.

Como é absorvida a ideia de trabalhar dentro de uma colônia coreana ?

No início eu me sentia bem perdida, o ritmo de trabalho dos coreanos é diferente, mas com o passar dos anos eu me adaptei e aprendi bastante de processos de fábrica nesses anos.

Com você verifica as trocas no feito criativo dentro das fábricas, através da pluralidade de imigrantes ?

Na fábrica que tive oportunidade de trabalhar o feito criativo ficava entre mim e a dona da marca. A modelista as vezes opinava e trocava certas coisas, mas mínimas, nada que mudasse no estilo da peça proposta inicialmente.

Como você enxerga as fábricas , o ambiente de trabalho?

Enxerguei como um intercâmbio pago, pois aprendi na prática bastante de processos internos, de execução de peças, tipos de aprendizado que não temos acesso na faculdade.

Acha as estruturas rígidas ou inspiradoras para os profissionais criativos ?

A partir do que eu tive acesso, rígidas.

Entre as diferenças em trabalhar no polo de moda Bom Retiro, São Paulo, Brasil e trabalhar na área fashion de compras e logísticas na Irlanda, Europa, eu gostaria de fazer uma comparação entre as duas experiências.

No Bom Retiro os profissionais da criação têm muita liberdade e opção de matérias primas e técnicas diferentes de confecções, acordando com a grande variedade de fornecedores em São Paulo e no resto do Brasil. Na Irlanda temos dificuldades de encontrar fornecedores e matéria prima facilmente e rapidamente, por se tratar de um país pequeno e dependente de outros países, mas no entanto os profissionais da criação possuem uma liberdade bem maior de criatividade e inovação, comparada com a que eu tive quando trabalhei no Bom Retiro.

Trabalhando na Zara aqui por mais de dois anos me fez abrir a mente sobre como os processos são espalhados ao redor de todo mundo e o quanto a logística de organização é importante para esse tipo de grandes empresas, já que trabalham com um produto perecível, que muda acordando com as estações do ano.

Por aqui outra diferença é o quanto os profissionais de compra (Buyers) são respeitados e bem remunerados, pois de volta ao que eu disse no parágrafo anterior, como a produção na Europa é limitada, o trabalho da pesquisa e negociação com bons fornecedores de outras partes do mundo é crucial para a manutenção e crescimento dessas empresas.

Nome: Ricardo Silva Guimarães

Nacionalidade: brasileiro

Idade: 33

Formação: designer de produto com especialização em design de moda e direção de arte em comunicação

Qual tempo de atuação profissional dentro da cadeia têxtil? E tempo de experiência o bairro bom retiro? 11 anos, sendo 6 no bairro bom retiro

A partir de sua trajetória no Bom retiro responda, o porque de buscar trabalho no bairro?

Não busquei, me recomendaram e acabei aceitando a proposta.

Quais os fatores mais interessantes em se trabalhar em um ambiente multicultural, como este polo têxtil?

A coexistência de diferentes culturas.

Quais as dificuldades presente na trajetória criativa , dentro das confecções ?

Não há muito espaço para experimentações, tudo tem que ser muito homogêneo e falta originalidade.

Existe autonomia criativa neste mercado atacadista do bom retiro?

Talvez em algumas marcas, mas a grande maioria é refém de copiar tendencias de um modo bem obvio e preguiçoso.

Como você verifica o profissional criativo dentro das fábricas?

Acho que aos poucos estão sendo mais valorizados, mas ainda há uma resistência em dar-lhes autonomia.

Acha que existe uma lapidação da criatividade autoral ? Porquê?

Não, muito pelo contrário. Buscam em grande parte por estéticas de massa e evitam investir em trabalhos autorais.

Como é absorvida a ideia de trabalhar dentro de uma colônia coreana ?

Interessante. Principalmente pelo lado gastronômico, visto que há uma grande oferta de restaurantes coreanos no bairro.

Com você verifica as trocas no feito criativo dentro das fábricas, através da pluralidade de imigrantes ?

Por mais que haja uma grande quantidade de imigrantes de diferentes procedencias, muitos são contratados para exercer um único tipo de trabalho, não havendo abertura para que acedam as carreiras mais criativas. A configuração da fabrica que trabalhava também tinha cada setor em um piso, o que fazia com que o momento que compartilhava com grande parte dos funcionarios da fabrica fosse limitado ao horario de almoço, no refeitório.

Como você enxerga as fábricas , o ambiente de trabalho?

Acha as estruturas rígidas ou inspiradores para os profissionais criativos ?

Eu trabalhei em um uma única fabrica todo o tempo que estive no bom retiro. Mas por mais que a estrutura fosse de um predio vertical e fabril, não vejo grande diferença dos espaços que trabalhei anteriormente. Não era o lugar mais bonito do mundo, mas acredito que a inspiração está atrelada a uma gama maior de estímulos além do espaço em que trabalhava. Mas sim, grande parte dos

predios do bom retiro não são planejados e não é raro encontrar espaços de trabalho não adequados.

Nome: Ligia Oshiro

Nacionalidade: Brasileira

Idade: 23

Formação: Design Gráfico

Qual tempo de atuação profissional dentro da cadeia têxtil? 5 anos

E tempo de experiência no bairro bom retiro? 3 anos

A partir de sua trajetória no Bom retiro responda, o porquê de buscar trabalho no bairro? É onde está centralizado boa parte das empresas da área têxtil.

Quais os fatores mais interessantes em se trabalhar em um ambiente multicultural, como este polo têxtil? Aprender sempre, com as diferentes culturas.

Quais as dificuldades presentes na trajetória criativa, dentro das confecções? Geralmente as confecções se limitam no processo de criação de novos produtos, sempre querendo apostar no comercial e o que sabe que vende. Com isso limita o processo criativo do profissional.

Existe autonomia criativa neste mercado atacadista do bom retiro? Acho que na maioria dos casos não, geralmente os donos de confecções chegam e se opõem nas novas ideias.

Como você verifica o profissional criativo dentro das fábricas? Temos dois extremos, os que copiam de concorrentes e marcas estrangeiras e os que se reinventam todos os dias.

Acha que existe uma lapidação da criatividade autoral? Porquê? Sim, estamos todos os dias em um processo constante de desenvolvimento e conseguimos observar isso nos profissionais desta área.

Como é absorvida a ideia de trabalhar dentro de uma colônia coreana? No meu caso tive péssimas experiências, isso me custou terapia e muitas vezes queria desistir de trabalhar na área.

Com você verifica as trocas no feito criativo dentro das fábricas, através da pluralidade de imigrantes? As trocas de informações e pensamentos diferentes nos ajudam a melhorar nosso olhar criativo.

Como você enxerga as fábricas o ambiente de trabalho? Mesmo sendo uma única empresa, vejo que os setores são muito divididos, ou seja, existem barreiras criadas pelos próprios funcionários de criar um pré-conceito

com outros setores. isso acaba se transformando em um ambiente de trabalho desorganizado e com falhas de comunicação.

Acha as estruturas rígidas ou inspiradores para os profissionais criativos? Rígidas é difícil encontrarmos uma empresa que dá liberdade criativa para um funcionário.

Maria Clara Martins Penna Teixeira

Brasileira

34 anos

Design de Moda

6 anos de atuação

Cinco meses de atuação no bom retiro.

A Partir de sua trajetória no bom retiro responda, o porquê de buscar trabalho no bairro?

O bom retiro é um dos maiores polos de moda de SP é uma referência na área e foi aonde tive minha primeira oportunidade de trabalho. Têm muitas fábricas, oportunidades e muita rotatividade profissional.

Quais os fatores mais interessantes em se trabalhar em um ambiente multicultural, como esse polo têxtil?

As culturas de muitas nacionalidades se misturam para gerar e agregar muito aprendizado em massa. Aprender a trabalhar sob pressão, produção que requer um tempo e agilidade de criatividade muito acelerado.

Quais as dificuldades presentes na trajetória criativa, dentro das confecções?

As dificuldades são trabalhar com uma pressão muito grande pela entrega imediata. Clima pesado das fabricas. A competição dentro da própria empresa. Mão de obra desqualificada com a insatisfação de baixos salários.

Existe autonomia criativa neste mercado atacadista do bom retiro?

Sim, acredito que autonomia depende muito do dono da empresa e se nós estilista conseguimos nos posicionar de maneira radical para conseguir um espaço.

Como você verifica o profissional criativo dentro das fabricas?

Um profissional que precisa ser comercial não conceitual, rápido e com muita resiliência para superar as dificuldades e atender as necessidades da empresa.

Acha que existe uma lapidação da criatividade autoral? Por quê?

Sim, existe uma lapidação muito grande é preciso absorver e gerar aquilo que vende. Muitas vezes deixamos nossa criatividade e essência para atender as necessidades do mercado e o que pedem.

Como é absorvida a ideia de trabalhar dentro de uma colônia coreana?

Só se conhece um pouco mais da cultura quando você está inserido. Na minha experiência me deparei com um grau de exigência elevado e baixo contrapartida financeira

Como você verifica as trocas no feito criativo dentro das fábricas, através da pluralidade?

Percebo mais trocas na parte de execução das peças, sem compartilhamento da criatividade que pela minha experiência concentra-se na mão de obra Brasileira.

Como você enxerga as fabricas e o ambiente de trabalho?

Fabricas são ambientes que embora nem sempre consigam atender as todas as exigências. Trabalhista no Brasil, são fontes de renda e oportunidades de crescimento para imigrantes que muitas vezes estariam a margem da sociedade sem emprego.

Acha as estruturas rígidas ou inspiradores para os profissionais criativos?

Rígidas, seguindo um padrão comercial e vendável as pessoas mais criativas buscam uma marca independente, livre de pensamentos e leves de espirito.

Everton Moreira

Brasileira

40 anos

Auto - didata

21 anos de atuação na área de moda (mercado Textil)

17 anos de Bom Retiro

Trajatória - cheguei no Bonriê em busca de experiência profissional e me deparei com muitas oportunidades em aprender como se dava a produção em escala industrial na confecção de atacado, pois acredito que muita coisa na

época 2001, acontecia no bairro como o maior pólo de vendas e distribuição de moda feminina na América Latina então. A prática é valiosa para a experiência e também não precisaria de formação acadêmica conforme as necessidades fazia cursos livres e aprendi muito com as equipes que trabalhei. Então houve um acerto na busca e oferta de oportunidades, foi por esse motivo não que eu escolhi, mas sim o Bom Retiro me escolheu, sou muito grato a essa trajetória e roteiro do bairro. Afinal trabalhar nesse bairro é uma imersão em diversas culturas e nacionalidades. São coreanos, bolivianos, paraguaios, africanos e nordestinos e tantos outros sotaques dos trabalhadores e clientes de um bairro que recebe de braços abertos a todos. Permitindo a ampla construção de uma rede de trabalhos, contatos e amizades incríveis que fiz por lá. Quanto ao campo criativo me percebi depois de muito tempo refazendo o conceito de criar e mais focado em solucionar questões do design de produto a criar modelos mirabolantes, o que de fato nunca é a cópia tantas vezes perseguidas como “hits” de alto giro de estoque, uma estratégia cansada e exausta já muito explorada pelo fast fashion, tipo muito tempo como modelo de negócio a ser seguido em tempos de economia emergente em nosso país, nos idos da última década. Então alguns projetos rentáveis acabam sabotados e dessa forma não estabelecem um diálogo ativo da confecção com o consumidor final, nos dias de hoje ninguém quer se trata de como número, né? Isso precisa ser mudado, visto que a Zara uma das maiores cadeias do ramo, já está praticando um novo modelo de negócio, pois os lucros da moda rápida já não são os mesmos e a oferta de produtos similares online, força o cliente pensar em sua maneira de consumir, (principalmente nesse período de crise) a pensar no período de vida útil daquele bem de consumo. Uma nova concepção e prática de valores e por acreditar nisso, me vi desencaixado desse sistema a alguns anos e procurei ressignificar essa experiência no Bom Retiro. Foi um presente e o que me dá suporte pra seguir um caminho profissional tão diferente hj.

Não existe autonomia criativa nas confecções, existe liderança (que quase nunca é do designer) e como os proprietários utilizam de ego e pesquisas internacionais para a concepção do produto o que vence é a praticidade da réplica na maior parte do mercado Textil. Isso guia e traz volume de produção para baratear a matéria prima, como produzir muito porém sem saber pra quem e porque se está realizando, dessa forma as empresas se tornam refém de agilidade e preço (quem tem primeiro vende, quem recebe depois SALDA) e pensando bem quem faz a autônomo criativa é o valor de capital estabelecido pelo próprio sistema, sufocando as boas e mãos rentáveis ideias, que provavelmente trariam produtos e design de identidade que agregariam valor e por consequência um markup maior de lucro.

Infelizmente os criativos perdem muito tempo em vender ideias por falta de sintonia com seus respectivos diretores e equipe de vendas, quando a rivalidade entre setores é alimentada, gerando um ambiente insalubre para a saúde mental e da própria profissão. O criativo está sempre sendo podado e criatividade vem da liberdade e diversidade de pensamentos e informações.

Acredito que não seja lapidação da originalidade e criatividade, pois para a maior não melhora suas criações e muda drasticamente a identidade da marca,

estrutura de modelagem, linguagem de marketing e outros elementos necessários para o processo autoral.

Trabalhar na colônia é admirar a cultura, aprender novas tradições, saborear a culinária, a falta de respeito colonialista e emergente que às vezes acomete as relações interpessoais, analisando bem ; o ganho é muito maior se comparado a um traço q de fato não- generalizado a todos da colônia coreana. Pra quem adora viajar. Aprender sobre seres HUMANOS é sempre engrandecedor.

Essa troca é interessante, pois cheguei aqui eram judeus q não investiam em moda e logo cederam aos coreanos (sem tradição alguma no ramo) dando um fresco a novas ideias, porém ainda com a partida criativa vinda dos coreanos e refletida por funcionários que reconhecem nossos hábitos de consumo e sem informação de moda acabam gerando incertezas da eficiência comercial, no lugar da riqueza da troca plural em discussão direta. Os bolivianos vieram potentes e dominaram a mão de obra de maneira muito operária e calada fazem quase toda a costura do bairro sem essa travessia pessoal ou originária. Uma grande perda!

Enfim, a rigidez da estrutura do trabalho no bairro não trazem os melhores resultados, nem pra quem realiza ou executa e menos ainda para um comércio que preza pela fidelização da carteira de clientes. É urgente a revisão de valores e custos para um futuro melhor.

Kelly

Nome: Kelly Elisa Kim

Nacionalidade: brasileira. Mãe paraguaia e pai coreano

Idade: 37 anos

Formação: moda

Qual tempo de atuação profissional dentro da cadeia têxtil?

23 anos

E tempo de experiência no bairro bom retiro?

37 anos de vivência / 20 anos de trabalho.

A partir de sua trajetória no Bom retiro responda, o porquê de buscar trabalho no bairro?

•A princípio porque nasci e fui criada no bairro. Depois me especializando, sempre teve muita demanda pra meu perfil técnico de trabalho.

Quais os fatores mais interessantes em se trabalhar em um ambiente multicultural, como este polo têxtil?

•As empresas no bom retiro, normalmente são familiares, até as que não são acabam fazendo parte da sua família, então acabamos tendo muita troca além de cultural, social também. Pela convivência com os colegas de trabalho.

Quais as dificuldades presente na trajetória criativa , dentro das confecções ?

•Começo com as facilidades : poder colocar em prática todo o exercício criativo tendo à disposição a melhor qualidade de matéria prima existente no mundo, espaço de trabalho organizado com todos os materiais necessários para executar um excelente trabalho, sistema único de organização e tecnologia em todos os processos, acesso a o que é de mais novo em pesquisa de moda e comportamento, colegas de trabalho profissionais e técnicos, agilidade na entrega de produto e produção.

A dificuldade é o exercício repetitivo da criatividade para acompanhar a agilidade das coleções. Que pode ser cansativo, pela cobrança, apesar de ser hiper criativo.

Existe autonomia criativa neste mercado atacadista do bom retiro?

•Acredito que exista sim, não só no Bom Retiro, mas em qualquer empresa ou instituição de moda. Tem um aspecto que demorei muito tempo pra entender, quando trabalhamos com criação e criatividade é muito fácil cairemos na armadilha de eu gosto ou não gosto. Para mim, um bom profissional de moda, faz estudo claro do perfil da empresa e dos seus consumidores, para a partir dessa informações, criar o que o público da empresa irá consumir, não o que o profissional gosta pra si.

Como você verifica o profissional criativo dentro das fábricas?

•Verifica ?! Não entendi, para contratar ?!

Acha que existe uma lapidação da criatividade autoral ? Porquê?

•Sim, como já respondi na pergunta anterior, a criatividade autoral pode ser exercida no seu trabalho/projeto autoral. No Bom Retiro ou em qualquer outra empresa, o design precisa se adequar as necessidades da empresa e público alvo da empresa. Não tem a ver com um trabalho autoral.

Como é absorvida a ideia de trabalhar dentro de uma colônia coreana ?

•Deliciosa, principalmente em relação a culinária. A cultura é diferente como todas as outras, existem coisas boa e existem coisas diferentes, com bastante comunicação, acredito que sempre encontramos harmonia.

Com você verifica as trocas no feito criativo dentro das fábricas, através da pluralidade de imigrantes ?

•Muito ricas, principalmente se você tem interesse nelas.

Como você enxerga as fábricas, o ambiente de trabalho?

•O lugar mais lindo do mundo, como um sonho. A primeira vez que entrei numa fábrica aos 9 anos, tive a certeza que era assim que queria viver, o cheiro, as cores, as texturas, os recortes de revistas, mas modelagens, o barulho da máquina de costura, do corte no papel, do corte no tecido, as vozes e até o tadinho contando histórias de amores perdidos... tudo isso é maravilhoso, uma ambiente de gente forte, unida e trabalhadora.

Acha as estruturas rígidas ou inspiradores para os profissionais criativos ?

•Inspirador ter todas as técnicas e materiais necessários pra produzir coleções belíssimas. Rígido pra quem procura o bom retiro pra desenvolver seu trabalho ou projeto autoral. Acho que pode existir uma linha tênue nesses dois universos, pensando sempre no propósito da empresa que se escolheu trabalhar. Verifiquei que houve uma das perguntas que ficou mais vaga para você , sobre como o profissional do designer é absorvido nas fábricas ? Sobre esta questão seria você indicar se existe uma interinação do estilista com toda a fábrica e se ele é um profissional interessante para as empresas , ou se fábricas podem substituir este profissional facilmente ?

O estilista/designer é essencial dentro de todas fábricas e no Bom Retiro, são super valorizados os que tem liderança, por se tratar de empresas com uma quantidade grande de pessoas a liderança, boa gestão e comunicação são ferramentas necessárias para esse profissional, são considerados gerentes e diretores. A partir da suas criações toda a cadeia trabalhará em cima de suas ideias até chegar ao público alvo, passando por toda parte técnica, criativa e Mkt.

Seria mais neste sentido é possível ter marcas sem o profissional do estilo ao seus olhos?

Possível tudo é! Mas duradouro com bases esteticamente bem definidas e executadas, acredito que seja impossível.

E se quiser mencionar como é criar para sua própria empresa hoje ? Se acha que muda muito o tipo de jeito para criar coleções ?

Criar para minha própria marca, conseguir desenvolver todo o meu conhecimento técnico em todas as facetas da empresa: criação, contabilidade, Mkt, planejamento, vitrine, pacote, atendimento ao cliente, limpeza, vitrine e vendas. É um grande privilégio e desafiador. Olhando para esses 3 anos, não sei como consegui, mas faço o melhor que eu posso. É dilacerante, cansativo e desgastante.

Porém necessário/ único caminho pra quem começou do 0.

Muda totalmente o jeito de criar.

Pois você começa não tendo estrutura, nem acesso a materiais, sem técnicos, sem processos definidos, etc ...

Sem tudo isso é muito limitador a criação, mas com “Calma” fiz uma peça, vendia, comprava tecido, mesa (pq modelava e cortava no chão) máquina etc ...

Por outro lado com todo conhecimento técnico adquirido trabalhando em empresas surpresa bem estruturadas do Bom Retiro, consegui dentro da minha limitação, procurei reduzir o máximo de processos, já que eu executava todos.

A criação foi ficando pra trás, hoje as áreas que eu trabalho e tento desenvolver são : comunicação, processos, logística, financeiro e gestão.

Lugares que procuro me aperfeiçoar (pois não tenho formação) pra continuar a existir Calma em São Paulo :)